



JOSÉ
LEONÍDIO

en
re
dan
do

ilusões

autografia

en
re
dan
do

ilusões

autogramia

auto**S**ografía

JOSÉ LEONÍDIO

en
redan
do

ilusões

autografia

Rio de Janeiro, 2018

Enredando ilusões

LEONÍDIO, José

ISBN: 978-85-518-1615-8

1ª edição, dezembro de 2018.

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Talita Almeida

ARTE DA CAPA: Branca Paixão - “Anjo do carnaval” 1m x 1m acrílica sobre tela

ILUSTRAÇÃO: “A madrinha” 1m x 1m acrílica sobre tela

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050

www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

Na vida tudo tem o seu enredo, sua história, a diferença se faz na forma de contar, de retratar o cotidiano. Com pinceladas de amor e humor, ou com a frieza do fato.

Em “Enredando Ilusões,” José Leonídio, mostra que podemos falar de assuntos diversos, num perfil, que com criatividade, vivenciamos de forma criativa, toda nossa brasilidade.

Historiador, poeta ou cronista, destacamos o cuidado com a informação, o interesse em colocar a palavra certa no devido lugar, tudo envolvido numa lúdica imagem, que torna a leitura, em prazer.

As sinopses falam por si, o olhar que se dá a cada tema, torna-o único, podendo de forma simples e fácil, ser interpretado por todos, que participam da festa, ou melhor, do desfile.

Alguns dos temas homenageiam participantes do carnaval, que agora estão com suas memórias preservadas, mostrando que esse evento, é muito mais que uma brincadeira, feita com

música e fantasia, mas, também, pessoas que trabalharam por nossa cultura popular.

O livro vai além dos temas, das lembranças, das citações, marca o tempo de fatos, pessoas, que não fora esse trabalho, ficariam esquecidas no limbo frágil de nossas memórias.

“Enredando Ilusões,” repito, me deu prazer, leitura que faz bem, a quem gosta do Brasil e de sua gente.

Parabéns

Luís Fernando.

Enredando ilusões é uma coletânea de sinopses de enredos idealizados para serem utilizados como temas por Escolas de Samba e Blocos nos desfiles de carnaval. Nove de todas as sinopses foram utilizados em desfiles. Todas as sinopses foram escritas em formato de crônicas para permitir aos compositores viajarem dentro do tema proposto e a partir de sua interpretação, compor sua proposta de samba enredo. As rimas que aparecem em determinados momentos não têm como finalidade tolher a criatividade do compositor e sim dar-lhe um ambiente de divagação poética dentro do tema apresentado. Esta série inicia-se com o enredo **“33, Destino Dom Pedro II”** feito para o **GRES Em Cima da Hora,**” que aborda o cotidiano do trabalhador pegando o trem da Central do Brasil, prefixo 33, de madrugada na estação de Japeri com destino a estação Dom Pedro II. Com grande aceitação pelos órgãos de comunicação, caiu também no agrado popular por ser a representação do dia a dia do operário usuário dos

trens da central do Brasil e pela beleza poética e melódica do samba enredo composto por Guará e Jorginho das Rosas, que lhes rendeu um Estandarte de Ouro e possibilitou a escola de samba a retornar ao grupo especial. Outro aspecto importante foi a realização de um clipe pela rede Manchete sobre o enredo sob a direção do cineasta Nelson Pereira dos Santos.

Ainda para a mesma agremiação foram desenvolvidos os enredos: “**Kid Morengueira da Silva, o Embaixador dos Morros**” sobre a vida e obra de Moreira da Silva, uma homenagem ao eterno malandro carioca. “**Num Passe de Mágica**” relacionado a energia que nos envolve na passagem de um ano para o outro. **Na Crista da Onda**, que como enredo foi apresentado pela escola com o título de: “**De Frequência em Frequência na Cadência do Samba**” ressaltando a importância da imprensa falada e televisada na época, na defesa do samba, das Escolas de Samba e também de nossa cultura popular.

Nesse interim a partir de uma proposta do **GRES Tradição** elaborou-se **De Geração em Geração nas Asas da Tradição**, que abordava a sabedoria popular no passado, presente e futuro. Com uma boa aceitação pela crítica, foi motivo inclusive de matéria elogiosa do Acadêmico Austregésilo de Ataíde em sua coluna semanal no Jornal do Metrô.

A pedido dos Jornalistas responsáveis pela cobertura das escolas de samba do carnaval que faziam parte da Diretoria da Associação Independente de Comunicadores de Carnaval (AICOC) e do Bloco da Imprensa, como Haroldo Bonifácio, José Carlos Rego, José Carlos Machado, Jerônimo Chagas e outros, por três anos seguidos assinamos o tema do Bloco da Impren-

sa, sendo **“Alegrias do Segundo Caderno”** o primeiro que procurava mostrar a importância sócio-político-cultural do segundo caderno dos jornais na formação e informação do leitor. Em momento politicamente efervescente, as homenagens aos jornalistas José Cortes (Zé Grande) repórter policial do jornal “O Dia” e póstumas a Dulce Alves possibilitando ao bloco da imprensa apresentar seu lado crítico em relação a política o que sempre o caracterizou através de suas sátiras. Foi também por solicitação dos profissionais de imprensa da AICOC, que desenvolvemos o enredo para o Bloco Carnavalesco do Cocotá, **Jamil Salomão Maluf** por todo seu trabalho à frente como presidente a frente do **GRES Império Serrano**, o que permitiu que o Bloco Carnavalesco fosse campeão na sua série.

“Acreditou, Caiu! Ou a História do Brasil na versão 1º de Abril” é uma sátira política sobre a descoberta do Brasil e sua influência nestes 500 anos. **“A Opera do Bêbado e o Equilibrista”** também com conteúdo satírico-político se baseia na composição de Aldir Blanc e João Bosco sobre a nossa história contemporânea.

“A Viagem de Guma às Terras do Sem Fim, nas Costas do Aiocá” foi estruturada a partir do que acontece no final do livro **“Mar Morto”** onde o pescador Guma morre e o corpo não aparece. Utilizando as expectativas criadas durante a leitura elaborou-se uma viagem imaginária e delirante, baseado no realismo fantástico, com um pós final apoteótico. Tanto este quanto os outros que se seguem não foram apresentados, permanecendo inéditos.

Este conjunto de crônicas tem por finalidade mostrar um pouco do universo de nossos temas enredo, e a forma de apre-

sentação aos compositores, os verdadeiros analistas de nossas obras. Nessas mais de três décadas um ensinamento ficou:

– **“Quando o enredo está em nossa imaginação, nos pertence. Ao dividirmos com os componentes da Escola de Samba: Diretoria, Compositores, Ritmistas, Baianas, Passistas e etc..., deixa de ser nosso. O samba enredo admite dezenas de interpretações diferentes que permitem ao público, durante o período da escolha do samba enredo, opinar qual o de sua preferência. A entrar na Avenida, da versão original do tema enredo proposto restam menos de 50% porque democraticamente, enredo e samba foram se adequando as exigências de seus verdadeiros donos, os componentes da comunidade de sambistas que formam as Escolas de Samba, o universo livre do “CARNAVAL”.**

José Leonídio

SUMÁRIO

"33, DESTINO: DOM PEDRO II" ·	13
KID MORENGUEIRA DA SILVA, O EMBAIXADOR DOS MORROS ·	16
"DE GERAÇÃO A GERAÇÃO, NAS ASAS DA TRADIÇÃO." ·	22
NUM PASSE DE MÁGICA ·	25
"NA CRISTA DA ONDA" ·	29
"ALEGRIAS DO 2º CADERNO" ·	33
"DA MÃO GRANDE AO ZÉ GRANDE" ·	36
"E LA DE CIMA, DULCE ALVEZ DIZ: IH TÁ MÁR, ·	39
"DAS PROFUNDEZAS DO MAR, SURGE JAMIL" ·	41
ACREDITOU! CAIU! ·	44
A OPERA DO BÊBADO E O EQUILIBRISTA ·	51
LUAR A INSPIRAÇÃO DO SAMBISTA ·	55
SER MULHER ·	57
O BOTEQUIM DO MANUEL ·	60
"ERA UMA VEZ" ·	63
"A VIAGEM DE GUMA ÀS TERRAS DO SEM FIM, NAS COSTAS DO AIOCÁ" ·	66
"O FUTURO É AQUI, E AGORA" ·	70
"ROSA VERDE COMO TE QUERO, ROSA" ·	75

SE LÍNGUA NÃO LHE CABE AÍ, ENFIA NA SAPUCAÍ? · **79**

REINO RECREATIVO E ESCOLA DE SAMBA, DE SUA
MAJESTADE 1ª E ÚNICA, O CARNAVALESCO · **83**

"ÁGUIA, A GUARDIÃ DA CASA DOS DEUSES" · **88**

DA AMAZONIA PARA O MUNDO · **95**

auto grafia

“33, DESTINO: DOM PEDRO II”

Nas primeiras horas da manhã, algumas luzes começam a se acender nos distantes subúrbios da Central do Brasil. Em seguida saem de suas casas, marmitas nas mãos, homens e mulheres para mais um dia de trabalho. Uma verdadeira romaria na madrugada, dirigindo-se as estações de trem que os conduzirão aos seus destinos.

Nas estações antes vazias os usuários vão se avolumando, dando-lhe um colorido especial. Os grupos de amigos se reúnem, daqui e dali uma piada, uma chacota. Os vendedores aparecem, o baleiro pé descalço oferece suas balas. O vendedor de jornal grita a manchete do dia. De repente alguém avisa:

– Olha o trem!

Todos se agrupam para pegar um bom lugar. No empurra-empurra, sai sempre um beliscão ou alguém perde seu cordão. Quem está atrás grita:

– Vamos lá minha gente!

Infelizmente o trem está lotado e vai mesmo é de pingente..

O trem apita avisando que a viagem vai começar, pessoas com as mais diversas atividades se misturam num conviver alegre. A lavadeira puxa sua trouxa de roupas, a baiana seu tabuleiro, o vendedor de bananas seu cesto. Um senhor levanta-se dando lugar a uma senhora com o filho no colo que está a sua frente. A mãe descontraída amamenta seu filho e, no chocalhar a mulata grita:

– Desencosta que o alfinete vai funcionar!

Os namorados se encontram, as paqueras começam. Maria dos Prazeres sorri para o sorriso do Valdemar, Anunciação que o prende pela mão, vê e começa a confusão:

– Abre a roda, pega, larga, solta o cabelo dela! Tudo contornado a viagem continua.

Para passar o tempo, no canto do vagão alguém pede a dama, mas sai o valete de mão. No balançar dos dados, o seis saiu para o passageiro do lado. O trunfo é ouro, a sueca vai começar, e na purinha de lona não pode sair.

Correndo pelos vagões, os vendedores soltam sua voz:

– Olha a bala puxa; olha a bala de mel; olha o amendoim torrãozinho; olha o pastel quentinho quem vai? Olha o bilhete premiado; tira calo, canfora japonesa; mata pulga, mata barata, olha o pó de broca! Os repentistas cantam a vida de seus heróis. O cego com sua bengala branca pede uma esmola pelo amor de Deus!

Na conversa o futebol e a novela são os assuntos do momento, se não é isso é a onda de aumentos. Todo mundo para e olha quando entra o “Sisi”, o pingente grita:

– Lá vai ela!

Zé Raimundo liga seu rádio enquanto o vizinho do lado, tira um sono arretado no meio de tudo tem o desempregado, que procura nos classificados o emprego tão esperado.

Madame Rosinha anuncia num pequeno cartão, que faz trabalho garantido, se o mal é do “coração”.

Em Nova Iguaçu a cigana entra para ler a mão e prever o futuro. De repente os narizes se torcem:

– Tem um porco no vagão!

Na chupeta tem dez mãos, mas o ventilador não funciona e aí o nariz é que sofre de tanto bodum, de tanta suação.

O sinal fecha: 5, 10, 15, 30 minutos a esperar. O sambista para esquecer o atraso que vai ganhar, pega a caixa de fósforos e começa a batucar. As marmitas viram pandeiros e um samba logo é puxado. O trem volta a andar, para na estação. Logo uma voz grave se ouve:

– Senhores passageiros com destino a Dom Pedro II, favor desembarcar e aguardar a próxima composição, pois a mesma está avariada.

Enfim Dom Pedro II, a viagem está terminando, todos saem apressados, para não chegarem atrasados e o dia não ser descontado.

Domingo não tem trabalho, o dia começa mais tarde, aí então as famílias seguem para a estação, o trem bem mais vazio dá até para sentar e a quinta todos vão visitar. Levar o galo para a rinha ou o pássaro na mão para alguns é a maior diversão. Mas domingo também é dia de jogo no Maracanã, e os torcedores lotam o trem com alegria total, vão todos torcer por seu time, vibrando na geral.

KID MORENGUEIRA DA SILVA, O EMBAIXADOR DOS MORROS

Malandreando pela vida, escorregando na saída, num primeiro de abril. A lua vai alta por detrás do morro do Salgueiro e o pequeno Antônio Moreira da Silva, mete a broca no trombone (do seu pai) e avisa:

– Estou presente, viscoso e temperado (por minha mãe), aliás perdão Antônio Moreira da Silva, não! Antônio Moreira da Silva e “coisa e tal”.

Foi ali na antiga Santo Henrique 13, hoje Carlos de Vasconcelos na Tijuca que nasceu e foi criado aos pés do morro do Salgueiro. Tinha o balanço nas veias e aos dois anos dançava o Corta Jaca para alegria de todos. De sorriso fácil e malemolência no andar, conquistava quem passasse. Toca daqui e dali aos nove anos entrou para a escola Barão de Pilares, mas aos onze a barra pesou, o velho se foi e sem o baluarte teve que correr atrás, pois sabe como é:

– Tutu de cozinheira só dá mesmo para o ragu!

Dando rasteira em pé de vento, comendo broa de milho com bananada e água para inchar, para depois andar oito quilômetros para chegar a fábrica de meias. Mais tarde trabalhou também em fábrica de tecidos, foi vendedor de jornais e carregador de marmitas, mas apesar de tudo ia levando na escola da vida. Foi morar na Babilônia e rapazinho ainda assistia e convivía com João Cobra, Manuel Carretilha, Valdemar da Babilônia, Brancura e seu irmão Dadinho Bicheiro. Admirador de Caneta com suas rasteiras e rabo de arraia, ao som de **“chegou o general da banda.”** Tentou de tudo, mas aos dezenove anos foi parar na Central do Brasil como ajudante de motorista de praça levado por Valdomiro da Penha, porém com formação e pós-graduação em malandragem, nas escolas do terreiro grande no Salgueiro, morro da Formiga, Babilônia e na Lapa, havia para ele uma diferença entre o vagabundo e o malandro. Vagabundo era aquele que não fazia nada, os malandros não, eram trabalhadores, só que não pegavam no pesado, pois sabem como é:

– “Trabalhador carrega sacos, malandro conta números.”

De dia o movimento com o taxi não lhe permitia descanso, saía um passageiro, entrava outro, mas sua convivência com a noite aumentava, cantando valsas em serenatas, serestas, sempre por amor, bem como no Café Nice, Footing Avenida e outros pontos boêmios principalmente na Lapa.

Como motorista de praça viveu e conviveu com todos os tipos do Rio de Janeiro principalmente os da Central do Brasil e da Praça Mauá, o que lhe valeu o aprendizado na comunicação com os gringos:

– *Bonjour madame; Mademoisele sava bien?* E também que doutor não é doutor, *é Doctor!*

Como a praça estivesse fraca, usou toda sua baba de quiabo para conseguir emprego na assistência municipal, como motorista de ambulância, onde era preciso ser malandro para poder se criar. Continuava, porém, nas serestas, até que em 1930 foi convidado a gravar dois pontos de umbanda, **Erere e Rei de Umbanda**, e nessa altura era conhecido como Antônio Moreira da Silva, **o Mulatinho**. Como bom embaixador dos morros era supersticioso, com fé em São Jorge:

– “**Salve meu São Jorge, salve meu Ogum Rompe Mato.**” Deixa isso para lá, deixa os santos em paz.

Em 1932, o Mulatinho grava novamente só que dessa vez no melhor estilo malandro, ou seja, para o carnaval onde é campeão com “**É Batucada.**” Em 1935 novamente é campeão novamente com “**Implorar só a Deus**” e não parou mais com “**Levanta o Dedo meu Bem**” e “**Você é Boa, mas não é Artigo Raro?**”

Antônio Moreira da Silva, O Mulatinho, filho de um trombonista e de uma cozinheira, motorista de profissão, malandro por vocação, boêmio de natureza, agora era cantor e reconhecido, só que sua fala era a fala de sua gente, do seu mundo, dos morros onde fora criado, se tornara seu interprete, seu mensageiro, seu embaixador. Com seu terno branco e camisa de seda creme 22, gravata importada, sapato de pelica com botão de madrepérola, navalha no bolso e chapéu Panamá. Era essa a imagem que passava, temido e respeitado pelos homens, desejado pelas mulheres, vivendo sempre na orgia e no samba sem jamais perder a linha.

O Mulatinho, porém, quer mais, versado e letrado nos macetes do “lesco” (baralho) anda sempre atrás da boa sorte, seja na boa dica para a “acumulada,” na “milhar,” no “jogo de chapinha” com a bola de miolo no canto da unha, ou na “sinuca” com um octário. É por essa boa sorte que ameaçava sempre puxar a “sola” (navalha). Frequentador assíduo das gafeiras viu o “Doca rebolar sem bambolê” quando mexeu com a “Dagmar.” Mas foi “Duque Rei do Maxixe” quem abriu-lhe as portas dos cassinos, primeiro o “Miramar”, depois o “Atlântico”. Carioca pente fino como sempre foi, já meio burguês, com seu traje de linho S120, sapatos carrapeta, chegou e agradou. Aliás vinha agradando em suas apresentações, quando inovou com “Jogo Proibido” no antigo cinema Meier, pois como a música tinha poucos versos para esticar, jogou um babilaque no meio e se deu bem, “ali tinha petróleo e meti minha sonda,” estava criado o samba de breque. Voltando aos cassinos foi nessa época que lançou “Acertei no Milhar” em seu sonho de ser “Marques Morengueira de Visconde” e “Etelvina Madame Pompadour”. E em seguida “Amigo Urso” e “Cigano”

César Ladeira vendo-o no Cassino Atlântico, levou-o para a Rádio Mayrink Veiga. O malandro, “O Mulatinho” passava a ser visto e ouvido por todo o lado e até mudou de nome, agora era “Moreira da Silva, o Tal,” virando inclusive artista de cinema com vários filmes nacionais e um internacional filmado em Portugal, “Varanda dos Rouxinóis.”

O Estado Novo impunha suas condições, O Doutor só queria trabalhador e até os Cassinos fecharam. Mas como malandro que é é malandro não se impressiona, e é dessa época

ca, “**Subida do Morro**,” “**Em Cascadura**,” “**Olha o Padilha**,” “**Averiguações**,” “**Dormindo no Molhado**” e “**Fui a Paris**.”

Se não dava o jeito era correr atrás e começou então a cantar em cinemas, boates de lona, como artista principal de espetáculos circenses. Sua linguagem cada vez mais é a do seu ambiente de vida. Aonde vai leva sempre os costumes dos morros, seus problemas, seus anseios.

No final da década de 50, Antonio Moreira da Silva, “**O Mulatino**,” depois “**O Tal**,” agora fora promovido a “**Kid Morengueira**” coroado que foi por Miguel Gustavo em “**O Rei do Gatilho**.” A partir desse momento passa a ser um Super Herói a Brasileira, um super malandro com tempero totalmente carioca. É a glória maior dos morros, um herói que é chamado a resolver grandes paradas como a de seu amigo “**Moicano**,” em “**O Último dos Moicanos**,” e também “**Os Intocáveis**,” “**Morengueira contra 007**,” “**Sequestro de Ringo**,” e etc.

Sua fama é tão grande que em sua casa “**Kid Morengueira**,” recebe inúmeras cartas pedindo sua intervenção em defesa dos menos favorecidos. Mas “**Kid**” tem seus fracos, como bom carioca adora futebol, tem cadeira cativa no Maracanã e no Flamengo. No samba é verde e rosa doente. Morengueira continua em ação, agora é malandro professor, no society. Embora não esqueça sua gente so canta em casa fina, afinal são noventa e tal nas costas, mas continua o mesmo malandro.

Alunos malandros que somos cumprimentamos o “**Grande Mestre**” que continua falando pelo Salgueiro, pela Formiga, Babilônia, favelas, enfim por todos nós.



Branca Paixão - "Anjo do carnaval" 1m x 1m acrílica sobre tela

“DE GERAÇÃO A GERAÇÃO, NAS ASAS DA TRADIÇÃO.”

No calor do seu ninho, o condor alçou seu voo. Quantas vezes viu nascer a esperança de um povo, mas como quem espera sempre alcança, foi paciente e agora voa mais alto, ao encontro da voz do povo. Mergulhando na voz do tempo, vai a época em que o povo aprendia com a mansidão da vida, tudo se podia, tudo se dizia e daí se tirava a sabedoria popular. Frases simples que mostravam o que se queria dizer e que vinham enfeitadas com a riqueza e o esplendor daquelas épocas.

A batalha pela vida, o diálogo entre o casal, a sabedoria, carga da vida que ia se aceitando dentro do suportável, tudo isso era dito de forma suave, alegre e cujas mensagens atravessaram séculos. Não fugia a atenção, o jeito de ser de cada um a desconfiança, a poupança, bem como a presença nos momentos bons ou ruins.

Na roda da vida, no túnel do tempo o condor atravessa as gerações, e vê pouco a pouco, a vida ir se acelerando, e as pessoas acompanhando. O curso do rio é mais rápido, as marés

também. O vento corta os ares e com ele a calmaria da vida. O homem tem a necessidade de viver intensamente todas as situações, não pode mais se permitir contemplar a natureza, a procura de sua resposta, do seu momento. Ele agora é muito mais é u'a máquina que não para, e em sua meta a alcançar tudo vai sendo resumido, ficaram como ensinamento, a herança recebida de gerações anteriores, mas não pode se dar ao luxo de perder tempo. Na sua luta pela sobrevivência, sua sabedoria fala mais alto, resume seus pensamentos com uma no máximo duas ou três palavras, abrevia sua fala adaptando-se a uma nova era, onde com um gesto e uma palavra, se diz aquilo que no passado levaríamos horas para dizer. É a razão dos tempos.

Eu reúno meu grupo num baile daqueles tempos, para esquecer os maus momentos, mas fique certo que tudo ficará bem. Não importa se você é feia ou bonita, aqui não tenho problemas, pois no auge da minha vida, me fixo no seu exemplo e me libero mesmo não estando bem.

O condor voa cada vez mais alto, atravessa o espaço na velocidade da luz, vai as galáxias e descobre que a terra é azul e que numa outra dimensão, “tudo que reluz é ouro.” A única coisa que não mudou foi a sabedoria popular, não importa onde esteja, Terra, Marte, Segunda o Quinta Galáxia, a inteligência maior é a do povo. Sua voz mudou, não é mais melodiosa, agora tem um som metálico, sai de dentro de máquinas que trabalham nesta nova era, para que o povo possa novamente viver contemplando o que se passa a sua volta. Perdeu-se a beleza e o luxo de séculos atrás, porém não se perdeu a experiência de

vida acumulada nestes milhares de anos. O Éden dos negócios é a Quinta Galáxia, nossas carruagens viraram naves, nossos cavalos Androides, quem nos diverte são robôs, em suas vestes de metal ou em seus mergulhos espaciais com seus trajes de Kryptonita. Mesmo os seres extraterrenos, tardam. Quem brica com laser acaba desintegrado, a vida é um computador e está dentro dele. Tudo aqui é muito simples, luxo só lá na terra, tudo é programado, pois quem com átomo fere, com átomo será ferido, e de nave em nave se conquistou as galáxias.

O condor retorna a sua era, com a certeza de que nada fará acabar a sabedoria popular, a voz do povo atravessará os séculos.

NUM PASSE DE MÁGICA

Segundo após segundo, minuto após minuto, hora após hora a vida continua e nós que fazemos parte dela a seguimos. Porém, para não ser cansativa, se dividiu, como num grande rio e ao invés de ser reta do início ao fim, caminha em curvas. Assim somos nós, em curvas, curvas que levam um ano, e a cada uma, nos refazemos as fantasias do que virá na próxima curva, no próximo ano.

É chegado o fim de ano e como “**num passe de mágica**” desperta em todos um sentimento de confraternização em torno de dias melhores, onde a chuva de papel picado que o antecede, significa o orvalho que proporcionará que nossas sementes de alegria e esperança, germinem e dessa forma alcancemos nossos objetivos. E vamos nos unindo, como uma grande família. Começamos a nos contagiar e nossos parentes, vizinhos, colegas de trabalho, amigos, enfim todos são chamados a viverem coletivamente seus sonhos, suas aspirações. Os minutos vão se passando, e a cada um, mais forte fica nossa magia na

tentativa de vencer. Eu sigo “El Rei e a retreta,” mergulhando na alegria, nas asas do Bola Preta.

Com incenso, mirra, alecrim e alfazema, mais um bom descarrego, preparamos nossos caminhos. De branco ou de rosa entramos com roupa nova, enfim o que queremos é a paz, a alegria, a união. E vem chegando a cada instante, ao som de um surdo coração pulsante, de um sorriso, de um improviso, que é importante, pois é um passo adiante, uma nova etapa que se conquista.

Ao mesmo tempo a TV nos mostra os melhores momentos daquele ano que fica para trás, e começa a corrida dos minutos, que nos separam da felicidade que há de vir. Eu corro na Avenida Paulista, subo a Consolação, fecho a São Silvestre com uma sensação, de que quem ganhou a corrida fomos nós irmãos.

Escasseiam-se os segundos e a cada momento um vidente, um astrólogo, uma cigana ou um babalorixá, profecia como será o novo ano. Consultam-se as cartas, o tarô, búzios. Quem regerá o novo ano Oxalá, Xangô, Ogum ou Iemanjá? Em fim qual o orixá que regerá os novos dias. É a lua ou o sol. Será marte ou Vênus o planeta de nossos destinos. É o ano de quem: do Tigre, do Rato ou do Dragão? O que nos reserva a sabedoria chinesa.

Independente de tudo o doutor promete que, no que lhe compete, o ano que virá será o ano da confirmação das promessas da eleição, todos terão casa, comida e nada de inflação.

Não importa a mesa está posta, modesta ou rica nada significa, o que importa é que o que vale é que daqui a alguns se-

gundos, novos mundos irei conquistar. Em uma das mãos a uva, na outra o dinheiro e em um novo janeiro vou entrar. Enlaçam-se as famílias, espocam os fogos, acende o céu. Um grito se ouve por toda a cidade, é o choro de uma criança que nasce, que nos invade e nos dá a certeza que naquele momento somos a realeza. Estouram os espumantes, ou as francesas champanhes, repicam os sinos, soam os atabaques, que se misturam aos surdos, agogôs e tamborins. Nas praias Iemanjá é rainha, com flores, perfumes, sabonetes, espelhos e talco. Os barcos singram os mares, para presenteá-la. Os Orixás e as Iaôs, cantam e dançam em seu louvor, e no meio dessa aldeia, me ajoelho na areia a saldar meu orixá.

Em todos os cantos a confraternização é geral, o céu continua aceso, o arroz e a lentilha são a fartura, e para selar esta ventura nada melhor que os sambas enredos do carnaval que está por vir, ou então quem sabe, um pagode deixe cair.

Sua Majestade Rei Momo, primeiro e único, acompanhado de sua Rainha e Princesas, decretam naquele momento que está aberta a temporada real e os clarins se fazem ouvir em forma de carnaval. Em nome da realeza abrem-se os salões, e em cada um ecoa a marcação do surdo da minha escola. A comemoração é geral, de branco de smoking, de longo ou black-tie, todos comemoram o ano que se inicia, os amantes se entregam, os namorados se beijam, todos dão as mãos nos devaneios do réveillon.

Chegando de avião ou caravelas, todos vem conviver dessa energia tão bela, nesta hora se confraternizam Reis e Plebeus; Governantes e Governados; Orixás e Iaôs. Mas a vida continua,

o “velho ano velho” ficou para trás, e o “bebê” ano novo começa a viver suas primeiras experiências, abrem-se para nós pequenas visões de como será.

O réveillon toma conta da cidade, Pierrôs, Arlequins e Colombinas, misturam-se a havaianas, pareôs, sheiks e black-ties. A champanhe com sua feminilidade francesa, faz companhia aos espumantes nacionais, ao chope, vinho as caipirinhas de todos os sabores e ao Whisky.

A noite continua acesa, seja no continente ou nos navios e iates em alto mar. Os turistas se deslumbram. Não importa o tempo que faz lá fora, pois se orvalho é o símbolo do crescimento, a primeira chuva nos põe a frente da pureza, da beleza eterna.

E quando por fim o sol se faz presente, pondo um ponto final na “*mais cariocas das noites,*” todos aplaudem, pois sabem que ele é a luz, a energia que estará presente nos 365 dias que se seguirão, e que transformará nossos sonhos em realidade, até que um novo ano se inicie.

“NA CRISTA DA ONDA”

Soaram os surdos, os agogôs vão ao longe na mesma frequência onde os ouvidos podem escutar. São os morros, favelas, esquinas e bares; onde houver uma cabeça feita, lá está ele, o samba, invadindo todos os lares e bares. O corpo treme, bambeia, as pernas tornam-se difíceis de controlar, dizem que é porque foi esculpido no gingar da mulata subindo o morro com a lata d’água na cabeça, não sei, só sei que samba, mulata e alegria são sinônimos, so não está nos dicionários, e que na defesa desse nosso patrimônio todas as vezes se levantaram, na maioria das vezes com muita dificuldade, pois o canto que vem de fora é mais potente, mas mesmo assim nos impomos, não importa ser AM ou FM na TV ou nas mídias sociais.

Os verdadeiros sambistas saem em nossa defesa de dia ou a noite. A verdade é que de **frequência** em **frequência**, todos batem num só ritmo, o do surdo, tamborim e agogô. As crianças sambam no ritmo das pipas, que gingham na vibração que lhes chegam.

Vindo do alto dos morros o som agudo do agogô do velho sambista, marcando o compasso da baiana descendo suas laideiras, e todos nos dançamos, fazendo a corte do Mestre Sala a Porta Bandeira.

Somos apaixonados pelo amor maior que é o samba, não importa se de breque, canção, partido alto, bossa nova, pagode ou enredo, o que vale é que é parte de nós. Somos seus fiéis seguidores, entra ano, sai ano, sem crédulo, etnia ou cor. Nós o seguimos dia e noite, nas *alvoradas* da vida, pelas ruas, vielas, becos, quadras ou mesmo das baianas nos grandes salões, afinal temos a mesma origem, somos *tropicais*, a mais legítima representação desse país, 24 horas por dia somos Brasil, ouvindo a voz de sua gente. Levamos o seu som em todas as frequências, ao vivo e a cores. Nos domingos de sol estamos nas praias com o nosso pagode, prestigiando a música popular brasileira, e agradando aos gringos. A tarde lá vamos nós, no ritmo de uma bateria torcer pelo nosso time, seja no Maracanã ou onde for. No gol o samba é o fundo musical que o acompanha, no grito interminável do locutor ou na telinha da TV, ou mesmo na Internet, e tudo isso comemorado por jogadores, torcida ao ritmo do puro som nativo. Quando chega a época dos sambas enredos somos os primeiros a levar a voz do povo, sua torcida suas opiniões, afinal não é à toa que milhares de poetas escrevem suas obras. São os olhos de quem pode se ver, pelos olhos de quem enxerga. E é com flores, espumantes, champagnes e samba que vou à praia esperar com esperanças o novo ano que vem. Pego carona no barco de Iemanjá, no cavalo de Ogum, quero a justiça de Xangô. Canto o samba enredo de mi-

nha escola porque tenho certeza, vamos ser campeões e a vida vai melhorar.

E tudo caminha, tudo é carnaval, tudo é *Nacional, Global, da nação Tupi*, e de notícia em notícia, a cada instante o mundo nos inveja e pergunta:

– *Como? Porque?*

Persistência, garra e alegria, energizados por um verão de 40 graus, transformam-se na verdadeira força de um povo que caminha na mesma frequência, para no final apresentar um espetáculo fantástico que servirá de orgulho para todos aqueles que passaram o ano de quadra em quadra, de salão em salão, nos fundos de quintais para defender a soberania da cultura popular brasileira, o samba. Mas somos exigentes, queremos mais e o espetáculo maior foi, via satélite, invadindo todos os cantos do mundo e começamos a conquista-lo e hoje lá estamos nós com o *Joaozinho em Paris ou em Nice* ou *nas Arábias*, fazemos o *carnaval de Nice*, o espetáculo do *Moulin Rouge*, do *Estoril*, das *Savanas africanas*, chegamos ao *Kremlin*; longínqua *Austrália*, nosso ritmo encanta na *Terra do sol Nascente* e faz escola no *Japão*. Nos juntamos a *Mickey, Donald e Zé Carioca na Disneylândia*, somos a sensação nos cassinos de *Las Vegas*. Somos uma grande família no mundo todo, mas no Carnaval formamos um bloco na avenida, com câmeras, microfones e escutas, transmitindo a razão de ser de nossas vidas “o **samba**, “o pão nosso de cada dia sim senhor, e se juntarmos todas as peças teremos atrás de nós o *Bloco da Imprensa*, escrita, falada, televisionada, os verdadeiros heróis desta árdua batalha, mantendo nossos valores na frequência mais alta, na

crista da Onda via intelsat ou internet, pelo face ou WhatsApp, mostrando que a soberania de um povo começa pela independência de sua cultura.

auto grafia

“ALEGRIAS DO 2º CADERNO”

Ultrapassei os limites do primeiro caderno, tirei o terno, entrei no mundo do segundo caderno. É fim de semana, foi ele a companhia que mais me fez sonhar com os sábados, domingos, feriados ou qualquer dia desde que nele esteja embutido a alegria, o sorriso, a esperança, o amor. Não importa qual o programa, samba, boate, teatro, cinema, shows, ou mesmo ficando em casa na sua TV ou no seu home theater, na Net flix, tanto faz o mais importante é a vida.

Tenho que ter garra para poder demonstrar a tudo e a todos, que sou um felino, tenho a força e a argúcia de um jaguar, farejo os quatro cantos, seja Norte, Sul, Leste ou Oeste. Em qualquer ritmo, Pagode, sertanejo, country, Bossa nova, Funk.

Num momento me encontro com a aristocracia, sou clássico, orquestra, Ballet ou Ópera. Caminho pelas galerias, sou impressionista, pós-moderno, na realidade sou eterno, coloco minha assinatura em cada quadro, poesia, música ou livro. Tenho que correr as noites para fazer delas a notícia. Se é outono, in-

verno, primavera ou verão, a moda está aí, é só questão da ocasião. Sou versátil, consigo estar ao mesmo tempo nos templos da luxúria, do amor e da penúria. Faço com que a notícia seja impressa, não no negrito e sim nas entrelinhas, ricas em perfumes e saís, ou nas colunas sociais. Se a vida é intrincada, eu a desafio sob a forma de cruzadas. Como é importante, as vezes confortante e até mesmo desafiante ver o futuro sob a forma de uma palavra que no café matinal me dê fé e me diga que eu siga, pois, a vida continua e quem não a persegue, para e vê a vida em quadros, cujos limites ficam entre o tudo e o absurdo.

Eu não paro, pois faço parte daquele grupo que corre atrás, de que? Não sei, só sei que as pessoas se sintonizam em tudo que pensamos (aliás pensamos e repensamos). Não temos a primazia de ser o primeiro do dia, porém temos o privilégio de nos encontrar sob a forma de provérbios, ou então quem saiba de notícias, de malícias, não importa. Te digo quem são e onde estão as mais lindas e quando lhes cairão os sete véus. Somos mestre em invadir intimidades, descobri segredos, tanto faz ser a personalidade homem ou mulher. Em troca permito até que você descubra meus erros, conviva com meus acertos. Sou eu quem te indica o local aconchegante para um encontro romântico ou que sabe aquela comemoração pelo nosso time campeão, ou simplesmente onde comer bem com um *Chef du cuisine* daqui o d'além mar.

Tudo é uma questão de momento, e com um Whisky, licor, uma pinga ou quem sabe um vinho de uma safra superior ou mesmo sucos sofisticados, que apaguem de nossa memória o arrependimento ou comemore os primeiros lugares em tudo

que enfeite a vida, pois o verdadeiro é ser e viver o seu momento, porque o futuro está em cada segundo a nossa frente.

O mais importante são os fatos e as **fotos** que farão a **notícia do Dia**, da noite, de qualquer instante no **Globo** da vida escrevo **o Jornal** do verdadeiro **Brasil**, sou **Extra**, nas **Folhas** que chegam ao **Povo de todos os estados**, e como se fosse um berrante, se ouve ao longe pois o seu som, é o som da alma de quem o produz, **Bit to Bit, ou seja**, de minuto a minuto, porque a notícia é o que realmente seduz.

autoanálise

“DA MÃO GRANDE AO ZÉ GRANDE”

Cabelos grisalhos, moreno, alto e sempre com um sorriso nos lábios, assim é José Cortes ou melhor, **ZÉ GRANDE**, o repórter policial mais antigo em atividade, sempre fiel assinando seus artigos no jornal “**O Dia**.” Atrás da notícia, seja aonde for, lá está, com seu faro da melhor manchete, da melhor foto. Muito morro subiu, conhece cada esquina, cada rua e até mesmo político ajudou a eleger:

– Se é amigo do Zé Grande, eu voto. Sua solidariedade com as pessoas é tão grande que ganhou o título de **BOMBEIRO HONORÁRIO** quando pegou fogo no circo em Niterói, apaixonado pelo Clube Democráticos, dele nunca se esqueceu.

Quando Zé Grande iria imaginar, que para fazer suas coberturas policiais, agora teria que trocar os casebres humildes dos morros e favelas, pelas mansões do Paranoá. Trocar sua roupa de guerra pelo black-tie, porque agora cobertura policial que se preza, e feita nas altas rodas. Até isso tiraram do povão,

porque antigamente pobre só saía em jornal na coluna policial, agora não, em vez de fulano do moro X ou da favela Y, que roubou o armazém do seu Manuel ou o salário do trabalhador, é o doutor sicrano, formado aqui ou ali quem dá trambiques e nada em cruzeiro, é dólar mesmo, tudo isso com cobertura de rádio, jornal e televisão. Quanto maior o golpe, maior o sorriso e como sempre dizem:

– “Tudo não passou de um ledó engano”

É Zé Grande foi tempo, em que ao final de cada reportagem, você tomava um café, comia um bolinho ou tomava uma loura suada na birosca do morro. Hoje não, a notícia policial é regada a champanhe, caviar, Whisky, isto quando você não tem que ir as Bermudas ou algum paraíso fiscal para entrevistar seus personagens, numa total mordomia.

Quando você pensou que não tinha maios nada para tirar do povão, até isso eles levaram o **“TITULO DE MALANDRO”** e na maior mão grande. Hoje são pós-graduados em malandragem com diploma de **“DOCTOR HONORIS CAUSA”** da **UNIVERSIDADE DA PICARATAGEM**.

Sabe Zé Grande, nós nos orgulhamos de você, do seu trabalho, da sua honestidade, só que agora sua escada é um elevador privativo, seu local de entrevista, um gabinete de luxo, cheio de seguranças. Seu entrevistado é bem trajado, fala várias línguas e ainda lhe dá um tapinha nas costas. Quem diria que suas matérias fossem ficar tão importantes. Parabéns, você merece, afinal de que adianta fotografar presunto malcheiroso se você pode registrar em closes gente bonita e elegante cheirando a perfume francês, vestidas com grifes internacionais. Pelo

andar da carruagem Zé Grande ainda te chamarão de afilhado,
de tanto frequentar a "A CASA DA DINDA."

auto grafia

“E LA DE CIMA, DULCE ALVEZ DIZ: IH TÁ MÁR,

“Companheiros, vocês não sabem como é grande a saudade do fone e da escuta, e principalmente do papo no fim do dia no ponto de encontro, mas aqui de cima estou mais junto de vocês que imaginam. Não sei como estaria se ainda estivesse por aí, porque as coisas não estão mole não. Lembram-se quando no ano passado na homenagem ao Zé grande nós dizíamos que ele ainda podia acabar afilhado? Agora é que nos entendemos, ali era tudo amizade colorida, e vocês sabem que amizade colorida resultam em: gravidez indesejada ou doença venérea, e não deu outra coisa.

O PC que tantos falaram, não era nada mais, nada menos do que o jeitinho brasileiro do “**quantos por cento eu vou levar**” Trocaram os artistas – e que artistas! Mas quando nós olhamos bem são todos os mesmos. Tudo aqui é manipulado, afinal vamos todos aparecer na telinha do “**plim pilim.**”

Vejam só, a seca está braba no Nordeste e inocentemente o Inocêncio manda abrir poços na sua fazenda. Lá no Ceará fize-

ram um rio, para levar água do sertão para a capital e o pior, é que nós somos testemunhas disso tudo. Agora vocês vejam, só se comenta em plano, é plano daqui, é plano dali, e eu fico me lembrando da minha infância quando assistia nos fins de semana os seriados de faroeste no cinema e via aquele bando de bandidos com lenço no rosto, fazendo um plano para assaltar um banco. Olha depois de tanto plano quando ouço falar deles, mesmo estando aqui em cima, me arrepio toda, começo a suar, e me lembro da frase:

– “**Mãos ao alto, isso é um assalto.**”

Sabe gente, está tudo muito complicado é índio que morre e não morreu, no Brasil que é na Venezuela. É a política companheiros, essa então nem pensar, mudaram sua função, ao invés de estar ligada com segurança, estão ligados a propinas, chacinas, quanto eu levo e etc. Polícia virou bandido e nós ficamos aonde? Enquanto isso lá no planalto (não é a churrascaria do Tom Jobim), só se fala em dólar, discurso no congresso e sempre no “**Bloco do eu sozinho**) **porque** normalmente só o gravador escuta, mais ninguém, e no meio dessa grande estrada chamada Brasil, um caipira agachado conversando com outro, com seu cigarro e chapéu de palha diz:

– “**Uh! Tá mar**”

E seu companheiro comendo seu pão de queijo responde:

– “**Num é que ocê tem razão, mas de Fernando em Fernando inté pode piorar**”

Um abraço com a esperança de dias melhores é o desejo da agora eterna companheira.

“DAS PROFUNDEZAS DO MAR, SURGE JAMIL”

A lua cheia clareia as areias do deserto e a caravana de berberes montada em seus camelos atravessam-no, lenta e firmemente. As estrelas direcionam o caminho do Mediterrâneo. Bem tarde se faz a noite, quando junto a um oásis descansam. Das tendas armadas vem o som da citara. O Sheik reúne seus seguidores, enquanto as odaliscas dançam para alegrá-los. Em meio a tudo isso um jovem sonha em atravessar o deserto, conquistar os mares e alcançar mundos diferentes.

Como se fosse o gênio da lâmpada a adivinhar-lhe os pensamentos, um velho tuaregue senta-se a seu lado e começa a encorajá-lo mostrando-lhe que quando se quer, tudo se pode. Conta-lhe histórias passadas, até que o cansaço tomando conta de todos, faz o acampamento adormecer.

Depois de noites e noites chegam ao final da viagem com a certeza de que os sonhos das noites enluaradas do deserto, deixariam de ser sonhos saíriam das *Mil e Uma noites*, e ele como

se fosse *Ali Babá I*, venceria todos os obstáculos , para quando ali voltar poder descansar no “*Oasis da Felicidade*”

Atravessando o mar Mediterrâneo, o cheiro

O mar, o canto da Sereia, fazem com que o jovem Tuaregue se apaixone pelas belezas do reino de Iemanjá. Como se fosse Netuno, sai a viajar pelos mares sob o dorso dos golfinhos, conhece as profundezas do oceano e aprende a conviver com toda sua riqueza. Domina-os de e faz deles sua verdadeira razão vida. Dos velhos pescadores retira seus ensinamentos, a paciência e a esperança. Dos marinheiros, o segredo dos mares, o domínio dos ventos e das marés.

Dia após dia, mais se aprofunda no domínio dos mares. O raio de luar, como se fosse um grande caminho, indicam-lhe a direção a seguir. O cheiro do mar, o canto das sereias, levam-no a um novo oásis, onde ao contrário das areias do deserto, são as areias do mar que se fazem presente. O sol é o mesmo, quente que faz bronzear a pele de quem por ali passa. O som da citara é trocado pelo som do surdo, do agogô e do tamborim. As odaliscas passam a ser mulatas que dançam freneticamente ao ritmo do samba. No meio de toda essa magia, começa a viver um mundo novo, e chega como supremo comandante do Império Verde e Branco do Morro da Serrinha, e mostra para o todo mundo que quando se “**FOI MALANDRO, MALANDRO É,**” tempera o carnaval com o molho de “**MÃE BAIANA**” e chega as raízes do carnaval com o imortal som dos surdos em “**BUM BUM PRATICUMBUM PRUGURUNDUM,**” onde faz um apelo para que o samba volte a ser a verdadeira origem da cultura popular. Se muito cami-

nhou, muito ainda vai caminhar, porém nesse momento seu porto é a ilha, seu ideal o balanço do Cocotá, que se orgulha em tê-lo como seu enredo.

auto grafia

ACREDITOU! CAIU!

A mais antiga história de 1º de abril, é o que foi dado em Noé, quando esse mandou uma pomba a procura de terra e ela voltou com um galho no bico, porém terra que era bom, nada. Depois também se tornou comum nas festas a Deusa Ceres” Cerialia” ou “Burlas “ dos antigos romanos e no festival Hindu do “Huli”. Continuou com o passar dos séculos nas festas do equinócio da Primavera na Europa devido principalmente a inconstância do tempo neste período, alternando dias belíssimos com chuvas torrenciais. Mas foi na França que realmente o 1º de abril se tornou universal, atingindo plebeus e a realeza no “*poisson d’avril*,” advindo da mudança do calendário, onde por séculos o início do novo ano se dava em abril, para o calendário Gregoriano que começava em 1º de janeiro. A partir desse momento a brincadeira era geral, com os nobres interioranos que não sabiam da mudança, sendo chamados do calendário, sendo chamados para comemorar o ano novo em 1º de abril na corte, só que quem continuava a comemorar o ano

novo nesta data eram os plebeus, que desconheciam as mudanças do calendário, e era com estes que os nobres interioranos tinham que comemorar a data. A brincadeira ou as “*bravatas de 1º abril*” foram se estendendo por toda a Europa, agora sob a forma de pilhérias, sátiras, falsas notícias, convites e principalmente presentes maliciosos. Foi um desses presentes que foi enviado ao Rei de Portugal, um papagaio que vivia dizendo que conhecia as Índias. Dom Manuel, mas que de depressa montou uma esquadra, convocando para comandá-la um membro da ordem de Cristo, na verdade um ex Templário que devia a Deus e ao mundo. Pedro Alvares Cabral. Tendo como orientador de navegação, ele, o papagaio que conhecia as Índias. Cabral zarpou rapidinho para as “Índias” afinal era sua salvação depois de ter dado um tremendo 1º de abril nos agentes financeiros da Praça de Lisboa.

Depois de muito navegarem com Cabral querendo comer o papagaio com tremoços, num outro mês de abril, eis que finalmente encontraram sinais de terra. Quando desembarcaram o papagaio começou a gritar:

– *Eu não falei, olha ai as Índias!*

Tudo ficou esclarecido, o que o bichano verde dizia não era o tão sonhado caminho para as Índias das especiarias, no Oriente e sim as nossas índias, sem nenhuma cobertura, nuas como vieram ao mundo, o que levou ao delírio uma população que estava há meses no mar. Numa só voz gritaram todos:

– *O Paraíso; o paraíso; o paraíso*

Prontamente Caminha, o escriba da esquadra escreveu a El Rei:

– *Andando pela praia encontramos alguns índios que de imediato observamos não serem fanados (circuncidados) e entre eles 3 ou 4 moças, bem novinhas e gentis com cabelos muito preto e comprido pela costa e suas vergonhas (que não as tinham), tão altas, cerradinhas e limpas das cabelereiras, e de certo tão bem feitas, redondas e graciosas, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, envergonhariam-se por não ter as suas como as delas.*

Logicamente, pensavam eles, se não são fanados, não são judeus, mas também não adoram a cruz, portanto não será pecado desejar as belas gentis. Era o prenúncio da Ilha dos amores dos Lusíadas de Camões. E estava descoberto o Brasil, fruto das **BRA** vata **S** de Abr **IL**. Na primeira missa outro *Poisson d'avril*. Na cruz feita do lenho nativo, ao amanhecer uma figura de braços abertos, e todos gritaram:

– *Milagre; milagre!*

Milagre nada, era o bicho preguiça que descansava na cruz, deram um 1º de abril em Portugal, na terra das Índias com as vergonhas descobertas e do bicho preguiça. Estava descoberto o Brasil num tremendo 1º de abril e a partir desse momento, ninguém mais seguiu as brincadeiras, de todas as formas, de todos os jeitos, em qualquer pessoa e dia do ano, éramos a terra das bravatas, das mentiras, das brincadeiras oficiais. Libertaram os índios que eram livres, condenaram um **TIRADENTES**, numa **REVOLUÇÃO DE POETAS**, nosso **SANTO** era do **PAU ÔCO**, e até Dom Pedro I, deu o “**grito da independência**” de quem? **Brasil ou Portugal?** Ou financeira da **Inglatera?** Cá ficamos nós pagando as contas de Portugal. Nos tor-

namos independentes, mas aqui ninguém se formava sem o aval de Portugal e tinha que ser de Coimbra, senão nada feito. No meio disso tudo, nosso Rei Dom Pedro que era o primeiro numa boa briga, fosse com os punhos, ou na alcova, afinal era o primeiro na Ilha dos Amores de Camões, e haja cortesãs, com a coroa continuando a convidar seus nobres para os bailes de 1º de abril, tudo bravata.

Quem diria que a Princesa atendendo aos reclamos de todos, D”EU a abolição de quem? Dos **Senhores** ou dos **Escravos!** A **Rés Pública**, e até nosso **“Rui”** criou uma **“bolsa de valores,”** sem **“valores.”** Ah Rio de Janeiro, Capital do reino, depois da Rés Publica, incorporou o 1º de abril como **“Dia Nacional da Carioquice.”** E o colorido Lindolpho que jurava sem cruzar os dedos que só o governo garantiria a aposentadoria do trabalhador. Este acreditou. O Poisson d’avril passou a ser de uso corrente, aplicasse-o a todo instante em todos os momentos, em todos os momentos. Lembrem-se de que o **“Brasil foi a luta em 1945”** e o **“Petróleo é nosso;”** a **“Dívida interna e externa”** desde o Reinado, são ou não um tremendo **1º de abril.** Ele agora invade nossas casas, pelo **Rádio, Jornal ou Televisão ou pelas redes sociais.**

As Bravatas ficaram tão enraizadas que até mudaram a capital da Rés Pública para Brasília, porém não adiantou. Até uma revolução que foi feita em 1º de abril, passou para 31 de março, senão o povo não acreditaria. E no meio de tudo isso Jules Rimet profetiza:

– **TEM QUE LEVAR VANTAGEM EM TUDO!**

Quem não se lembra do “**Ouro para salvar o Brasil,**” da antiga TV Rio, do “**Carne Fartura,**” do “**Milagre Econômico;**” “**A Nova Rés Pública;**” Quem não foi fiscal do “**Plano Cruzado**” do “**Tem que dar certo;**” do “**Tudo vai melhorar;**” do “**Sem Censura,**” do “**Papa Tudo?**” E o jeitinho Brasileiro a no mínimo 10% agora é **UNIVERSAL** afinal como diz o padroeiro dos políticos:

– “**E DANDO QUE SE RECEBE**”

Esculápio, Deus da Medicina, filho do Belo Apolo, aqui foi traduzido como criador do ESCULACHO. Hipócrates, o Pai da Medicina como criador da HIPOCRISIA.

O Professor pediu um numerário para acabar com o mosquito, o dono do cofre aconselhou:

Doutor, mosquito se mata a tapa!

E quando só o homem seria a solução para a Saúde, como não estava disponível, mandaram um semelhante a seu pai, só que não era o Zé Carpinteiro, e sim o Zé Serrador, o José que Serra.

Quem diria, até o espaço sideral aplicou das suas num tremendo^{1º} de abril, o povo procurou o cometa e não viu. Em cada esquina, em cada rua, um conto, um paco, um engano, uma cigana que lê a mão, um búzio, um horoscopo que prevê fortunas. No meio disso tudo numa tremenda boca livre, o casal de noivos se unem, pois, serão felizes para sempre, mas a certidão de casamento tem data de validade.

É uma tremenda **Petrobrás,** um tremendo **BNDS,** um **baita 171** e por trás do colarinho sempre arrumo mais um.

E não se fala em outra coisa, é plano para lá, para cá, mas como plano é coisa de bandido de seriado de faroeste, é mais uma bravata de abril e aí meu bolso. Por outro lado, os economistas lá do planalto são todos **PHDs** pela Universidade de Hollywood com curso prático e intensivo de planos nos filmes de faroeste, quando não é plano é pacote ou então toma pedra: Pedra caloteira, Pedra Libidinosa, Pedra Sonhadora ou então Pedra Malandra que faz a gente rebolar sem bambolê, ou dançar o Funk sem batidão.

O **Operário** defende a Universidade **Pública e gratuita** para o filho do patrão estudar, e o **patrão** defende a Universidade **privada** para o filho do operário pagar. O carnaval é festa do povo, olha ele aí na Sapucaí. Quem diria até meu sonho aprontou comigo, sonhei que acertei no milhar, descarreguei, fiquei duro e me machuquei.

Diz a lenda que Deus fez o homem o diabo a genética. E nos tempos de hoje se você também acreditou? Então você caiu pois **o filme em cartaz era em preto e branco foi você quem coloriu** e como diz o ditado: Rei morto, Rei Posto. O Brasil precisa de um novo **SOCIO, LOGO**, dito e feito, **ferrando aqui, ferrando ali**, somos honestos, nossa alma é caridosa, vivemos na **Ilha dos Amores; na Ilha da fantasia: no Paraíso do 1º de abril**. E entra ano, sai ano o 1º de abril se fortalece, tudo se promete, nada se faz. Até o impeachment foi um poisod'avril, condenaram quem não era condenável, e deixaram livres quem devia a Lei. Dia a dia ele se fortaleceu, adentrou o poder executivo, legislativo e o judiciário, veste casaca e tudo, chegou as redes sociais, chegou as cuecas em forma de dólar:

– Doutor é porque o último pingo é da cueca, e as notas de dólar absorvem os pinguinhos e não molham minhas cuecas importadas.

O primeiro de abril com tempero bem carioca, se internacionalizou, viralizou e no Reino encantado do primeiro de abril, agora das Fake News, elegemos até um presidente que é o Rei da Fake News, e neste quesito somos campeões, elegemos até um presidente que é o Rei da Fake News, o representante maior do 1º de abril.

A OPERA DO BÊBADO E O EQUILIBRISTA

A lua clareia os quantos cantos do Brasil. O Cruzeiro do Sul está nítido para todos, tudo é brilho. Somente o bêbado caminha trôpego pelas ruas, avenidas e vielas, carregando consigo o fruto do luto que o cerca. Ao mesmo tempo a televisão entra em nossos lares vendendo a imagem da prosperidade. Como se usassem uma varinha de condão os Deuses do Planalto vão transformando tudo a sua volta, anunciando a chegada dos novos tempos. É a época dos milagres, nossas matas e campos ficaram mais verdes, nosso mar mais azul e agora tem duzentas milhas. Nossos compatriotas brilham no esporte brasileiro, colocando no mais alto pedestal, *São Jules Rimet*, trazida pelos 12 apóstolos. A romaria pelo milagre se faz em todo o Brasil. Em pouco tempo, prometem nossos Deuses, deixaremos de ser um país subdesenvolvido, nossa economia crescerá em percentuais nunca vistos, a cada ano. A fábrica de milagres funcionará a todo vapor.

Em meio a Beatles, movimento Híppie, Tropicália, Brasil Ame-o ou Deixe-o, conseguimos perceber por entre as frestas do brilho, que para manter toda esta opulência, o preço que estávamos pagando era muito alto. Os alfaiates do Planalto talhavam suas vestes de notícias de acordo com os limites possíveis de serem usados. Os pintores davam a cor e o brilho, não importava se não gostávamos do vermelho ou do azul, era, porque era, assim. Ou seguíamos ou éramos considerados inimigos. O pão e o circo eram fundamentais para o povo.

Neste momento só existia uma maneira de fugirmos a toda essa pressão, pois os canais de comunicação eram o poder, tínhamos que ser ao mesmo tempo, bêbados e equilibristas, para chegar até o fim e ver o sol raiar novamente. A pátria sofria por ver seus filhos desaparecerem na poeira do tempo, no rabo de foguete. Os rios transbordaram, nas matas o Uirapuru calou-se, pois mais alto do que seu canto era o grito do Falcão que com seu timbre grave, frio e sem brilho a todos ofuscava penetrando floresta adentro.

Começou então resistência. D'além mar os Maquis coordenavam o movimento de volta dos filhos pródigos. Aqui os trabalhadores, estudantes, mães e intelectuais, lutavam pacificamente pela volta a liberdade. A passeata dos cem mil estudantes, o movimento dos trabalhadores nas cidades e nos campos. Os santos guerreiros foram convocados a lutarem por seus irmãos brancos, afro descentes, índios ou cafuzos. Nas entrelinhas das pautas musicais, bem como nas linhas satíricas dos cartunistas, na ironia dos humoristas assim como na comuni-

cação interpretativa do teatro e do cinema havia uma linguagem camuflada que era comum a todos:

“*A arte de dizer sem poder falar*”, com mensagens de fé e esperança no futuro trazendo a confiança em dias com nuvens menos negras.

Choravam a nossa pátria e as nossas mães gentis, que como carpideiras procuravam pelos seus filhos e de todos os que se foram na esperança de um dia os encontrar. A luta era tão forte, que a energia saída da resistência do povo fez com que o brilho que emanava de dentro de si passasse a ser mais forte do que o que nos impunham televisão, rádio e jornais. Começaram então a surgir no céu os sinais de esperança de novos dias, iniciou-se o desmoronamento da parafernália do brilho, o verde e amarelo ficaram mais forte, resplandecendo sob a cabeça de milhares de pessoas nos movimentos da *Anistia* e das *Diretas Já*. Dávamos os primeiros passos para a reconquista da liberdade, dançávamos ainda na corda bamba de sombrinha, porém caminhávamos unidos o suficiente para plantarmos bem fundo a semente da árvore da liberdade. Nossos rios voltaram a correr nos seus leitos, o Uirapuru ressurgiu cantando nas matas. Voltaram os filhos pródigos. A lua cheia raiou novamente, não mais com um brilho de aluguel e sim com seu verdadeiro, o que emanava da chamada democracia.

Nossa semente brotou, a árvore cresceu e deu frutos na esteira da liberdade que surgia. Finalmente nos impusemos e elegemos nossos representantes. Aquilo que para nos parecia o início de novos tempos, de repente como no teatro deixou cair o pano, e pudemos ver que o ranço do brilho de aluguel ain-

da dominava nossos dias. Voltamos as ruas, convocamos nossos velhos comandantes, uniram-se novamente trabalhadores, mães e intelectuais. Os meios de comunicação

Mostraram pela primeira vez nossa face oculta, a de antigos *heróis da resistência*, e nesse momento um novo contingente, alegre contestador surgiu, nossos filhos com suas *caras pintadas*, marcando o novo caminho a seguir. Com resultado deste novo movimento fez-se a justiça, depôs-se um Presidente.

Aprendemos de uma vez, esperamos por todas que contra a união de um povo nada resiste. E lá vamos nós escolher nossos dirigentes de novo. É anos de Copa do Mundo, e tome futebol, tudo se repete, continuamos *bêbados e equilibristas*. Construímos essa história que foi impressa em mágicas impressoras para leitura dos humildes e caberá a nós, e somente a nós, mudarmos ou não esse enredo.

As nuvens negras, teimam em pairar no horizonte. O perfume das flores plantadas, o cheiro da terra molhada, que alimenta a democracia, está sendo encoberto pelo chorume das negociatas, mas somos resistentes como o lenho nativo, somos Brasis continuaremos na corda bamba, mas esta nos levará ao encontro dos nossos sonhos.

LUAR A INSPIRAÇÃO DO SAMBISTA

Sentado na beira da porta, no alto do morro, o poeta vê a lua nascer prateando a vida, enchendo de poesia a noite. Começa a sonhar e, se encanta pela lagoa do espelho da lua, onde as belas guerreiras, as Amazonas, banhavam-se nas noites de luar, em seus preparativos para a festa da primavera.

Avançando no tempo, recorda os velhos casarões coloniais com suas sacadas onde em noites enluaradas, boêmios apaixonados faziam serenata por sua amada. Luar que no sertão ilumina a caatinga e enche de romantismo, aquelas terras secas e sofridas, fazendo os violeiros e cantadores inspirados pegarem a viola ou a sanfona, esquecendo as amarguras do dia a dia, e cantarem para suas amadas, alegrando seus corações.

É o pescador que em noite enluarada, joga a rede, pega o peixe, ouvindo o canto da sereia a lhe chamar, mas não se deixa levar, porque sua amada está a lhe esperar, e ele volta num raio de prata, quando a pesca acabar. São os amantes que com

a luz da lua caminham nas praias de mãos dadas, trocando juras de amor eterno.

É São Jorge Guerreiro, quem em noites enluaradas nos permite vê-lo cavalgando em seu cavalo branco pelo céu infinito, e lembrar que, enquanto o homem tentava lhe conquistar, tu sorrias e enchia de uma chuva prateada, praias, morros, becos, iluminando casais enamorados, que confiam a você os seus segredos. Luar que mexe com as marés, que traz os marinheiros para os conveses, que faz nascer as crianças e lhes dá sorte. Luar que anuncia que o samba não tem hora para parar, enquanto houver um poeta a lhe contemplar.

SER MULHER

Toda de branco de laços de fita, correndo pelos campos, alegre a sorrir. Hoje menina, amanhã moça, depois mulher. Mulher que alegra a vida, que preenche o vazio, com seu jeito de nada querer e tudo conseguir. Ser mulher, muda o rumo dos acontecimentos, altera a história de uma forma sutil, mas o que ninguém sabe é que por trás de um grande fato, está o dedo, traçado de perfume e sorrisos, que por vezes é mais forte que o pensar.

Ser mulher que no seu seio espanta o vagido de fome de uma criança, mas que também acalenta o grande guerreiro exaurido de um dia na lida, que a noite consegue invadir-lhe as profundezas, nos jantares com castiçais a mesa, fazendo da penumbra da alcova, a realeza. São as rainhas da noite, as cortesãs da corte, que não negam seu amor. São as grandes amantes, que constroem um reinado e o destroem, se quiserem.

Ser mulher, a dama perfeita que como diz a sabedoria popular: “*Se Deus inventou alguma coisa melhor, escondeu só para ele.*” Ser mulher que onde chega embeleza e perfuma o

ar, frágil sexo forte, que traz no seu suporte o dia a dia da vida, que dá tempero e sabor aos dias. É o marido, são os filhos, é o lar, as contas a pagar, a moda a acompanhar. O sorriso galante que mostra a cada instante, que é mais forte que o pensar. Das casas de boneca, aos sonhos do amor perfeito, a realidade tingida pela fantasia. Ser mulher, sinônimo universal de “*vaidade*,” só esqueceram de acrescentar nos dicionários.

Na cadencia do andar mexe com os corações, na leveza do bailar toca as ilusões, e lá se vão reis, príncipes e seus vassallos, acompanhando-lhe a graça no ritmo a balançar.

Ser mulher que nos dias quentes de verão fazem ferver as mentes de quem as vê, alegres, contentes, bronzeadas pelo sol. Cabelos molhados, escorridos é mais que um convite, selvagem por excelência, a invadir seu espaço. Ser mulher desfila a moda, é a essência da sétima arte, o ser mais belo do mundo, tanta inveja faz, que muitos homens tentam imitar, sem poder-lhes acompanhar. Ser mulher de mistérios e fantasias, Lilith ou Eva, Maria ou Madalena. Na virada da Noite a Pomba Gira dos nossos sonhos. Fada ou Bruxa em suas alquimias, que a seus orixás reverência. Dentro de si Iemanjá, Oxum e Iansã, ela é ao mesmo tempo: mãe, sensual e guerreira. Que reza um terço, novena ou faz uma romaria para o seu amor voltar.

Ser mulher que desfila na avenida, com a fantasia de sua vida e vê o povo a aplaudir. Que canta tão graciosa, que mais parece uma sereia chamando por seu amor, que é destemida não foge à luta, que pesquisa, investiga e navega rumo as estrelas. Que povoa a terra com filhos do seu ventre, frutos do seu amor, que os cria e se penitência na alegria e na dor. Ser mu-

Iher de quem as flores imitaram o perfume, a beleza e o nome, que está ao nosso lado a cada instante, em todos os momentos. É a mãe, a filha, a avó. A esposa, a amante, a política, a guerreira. É o sorriso maior, a graça do dia a dia. **Ser mulher** a razão suprema do **SER**.

auto grafia

O BOTEQUIM DO MANUEL

Salta um PE, grita o garçom. Na porta um letreiro escrito a lápis de giz avisa que hoje é sexta-feira, dia de feijoada, mas também tem sardinha frita, feita na hora. No balcão fregueses disputam na purinha quem vai pagar o café ou a loura suada. Lá no alto cheio de flores, São Jorge e Nossa Senhora de Fátima protegem a casa, com Manuel pendurado no seu farto bigode, comandando tudo.

Pela manhã bem cedo, enquanto alguns boêmios vão saindo, o operário toma sua média de café com leite e pão com manteiga, outro toma uma pinga com pão recheado de pimenta malagueta para começar bem quente o dia. Nas prateleiras as bebidas mais nobres são expostas, o espelho por trás ajuda a mulata Marlene ajeitar seus cabelos. As crianças entram e saem, ora comprando uma bala, um sorvete, uma cocada ou um peito de moça. No balcão um freguês pede cigarros e fósforos enquanto outro grita:

– *Pendura essa pinga!*

O Manuel prontamente responde:

– *Aqui não tem fiado, bebeu tem que pagar na hora, não tenho filho do teu tamanho!*

No almoço um reboliço, um corre, corre geral. Dona Maria, a esposa do Manuel é a cozinheira e Mimi seu ajudante que vão soltando os pratos rapidamente. É um **filé com fritas** para aqui, um bife **a cavalo** para lá, um **PF** para lá. O freguês da mesa do fundo pede um limão de aperitivo e uma barriguda para acompanhar.

Passado a correria do almoço, a calmaria. Um traçado aqui, uma purinha. As mesas agora servem para uma animada sueca, onde até o Manuel é freguês, ou uma partida de damas, tudo regado a cerveja que, quem perde tem de pagar. Isolado no canto o aposentado lê seu jornal, enquanto no poste em frente é colado o resultado do jogo do bicho, e alguém começa a gritar:

– *Sonhei com o Mimi, joguei e ganhei!*

Ele lá de dentro começa a praguejar. E o gordo gato Ron Ron aproveita para tirar uma sesta em cima do balcão.

A noite vai chegando e a frequência vai mudando. Um casal enamorado procura a mesa mais escondida, pedindo um Martini gelado. As mesas vão se enchendo, poetas e compositores vão se chegando, e logo um papel de cigarro e uma caneta é pedida, um acorde de violão, versos mal escritos e um novo samba está surgindo. Um poema em forma de canção para a mulher amada, ou as vezes um torpedo para a companhia do casal ao lado. Uma roda logo se faz, as mesas se juntam, um violão, um cavaquinho e um pandeiro entram em cena. A cai-

xa de fósforos entra em ação, a garrafa de cerveja batida com a chave serve de agogô. Entre goles e goles, sambas e mais sambas, surge o aperitivo, sardinha frita, porção de queijo, torresmos e tremoços. Na parada do samba, a vitrola começa a tocar, misturando-se os ritmos, homes e mulheres entram e saem, bem escondidinho um casal começa a dançar. É alta madrugada, os boêmios tomam conta, melodias antigas e novas que falam de amores recentes ou perdidos, vão desfilando. Os passarinhos do Manuel avisam cantando que aos poucos o dia vai raiando com os casais se retirando e o cheiro do café, mostra que tudo vai recomeçar.

“ERA UMA VEZ”

Era uma vez, há muito e muito tempo, na época em que os bichos ainda falavam, assim começavam nossas histórias maravilhosas, que nos permitiam sonhar com mundos encantados, príncipes, princesas, reis, rainhas, fadas e bruxas. Quem não gostava de ouvir as histórias do Sítio do pica Pau amarelo, e sonhar em viver lá? Qual a menina não sonhou em ser a Branca de Neve ou a Alice no País das Maravilhas ou Cinderela? Quem não queria estar junto a Robson Crusoe e Sexta Feira? Ou na Ilha do Tesouro?

Na nossa imaginação Saci Pererê era figura constante, ou então poderosas fadas combatendo bruxas malvadas, *o bem contra o mal*, Aladim e sua lâmpada maravilhosa, iluminou quantas vezes nossas mentes perdidas nas Mil e Uma Noites. O lobo mau era odiado por todos, que torciam pela salvação da vovó e do Chapeuzinho Vermelho e também dos três porquinhos. E o patinho feio? João e Maria, qual de nós não quis subir no pé de feijão e chegar a casa do gigante, para pegar a ga-

linha dos ovos de ouro. Tudo isso fazia parte de um mundo de fantasias, porém belo, que permitiam que cada um criasse na sua tela própria, com as cores que quisessem a imagem dos seus heróis e vilões. De dia as crianças corriam, brincavam de cabra cega, pulavam amarelinha, jogavam bola de gude, rolavam aro e pneu e quando a noite surgia corriam a tomar seus banhos para ouvir a vovó contar suas histórias que embalavam nossos sonhos e nos faziam viajar todas as noites, as terras encantadas do mundo da fantasia.

O tempo foi passando, escasseando o lúdico, as histórias sendo esquecidas, as crianças passaram a viver em outros tempos. A voz que embalava nossos sonhos, foi sendo substituído pelo som metálico das máquinas, os contos de fada pelas façanhas dos super-heróis. Não é mais permitido em nome do progresso imaginaras velhas histórias, os velhos heróis. Agora ele vem prontos e coloridos, e ponto final. A suavidade do contar das histórias, foi substituído por cenas de agressividade e violência, pela guerra nas estrelas para a conquista de novas galáxias, não preciso mais de um pé de feijão para ir ao céu, entro numa nave e em frações de segundos me apossei do castelo. Agora seres interplanetários digladiam-se pelo domínio de novos mundos, numa guerra de muitos decibéis. Discos voadores, daqui pra lá e de cá pra lá, espadas de raios laser aos invés de varinhas de condão. As máquinas foram dominando nossas crianças, que hoje as obedecem cegamente, lutam contra elas ansiosamente na tentativa de superá-las. Estão presas ao vídeo e aos comandos, como que enfeitiçados pela bruxa malvada. Não mais sorriem, correm. Só sabem apertar botões, con-

templar telas, descarregam sua agressividade tentando fugir ou aniquilar monstros, dirigindo em alta velocidade em atirando em inimigos interplanetários, comandando robôs cheios de luzes em jogos sem vencedores. Na disputa do homem e da máquina, nossas crianças se aprofundam cada vez mais, não sabem mais contemplar ou imaginar o belo, porque este agora vem pronto e embalado. Alices, Cinderelas ou Brancas de Neve, agora mudaram de nome e comandam programas de televisão mostrando em vídeos cliques seus príncipes encantados importados de outros mundos, porque afinal somos pobres terráqueos. Nossas crianças agora usam capas de super-heróis e as vezes até tentam voar como eles. A vovó não tem mais tempo, nem paciência para contar histórias e estamos perdendo, com a razão dos tempos, o sorriso de uma criança que dormia com o direito de construir seu filme, de acordo com sua imaginação. Como diziam os velhos contadores de histórias, com suas vozes acalentadoras, **“ERA UMA VEZ”**

“A VIAGEM DE GUMA ÀS TERRAS DO SEM FIM, NAS COSTAS DO AIOCÁ”

O som do Rum, Rumpi e do Lê cortam o cais da Baía de São Salvador de ponta a ponta. Da pedra do dique, Iemanjá contempla a lua, e seus longos cabelos prateiam o mar. Negras mucamas, a penteiam com seus pentes de osso e prata, cravejado de pérolas. É nessas noites que sentado na beira do cais, o velho Chico, pescador mais antigo daquelas águas, reúne a sua volta os iniciados nos mistérios do mar e conta suas histórias. Histórias do mar, contadas por homens do mar, que os homens de terra não entendem.

De todas a mais bela é a de Guma, o pescador de Valente, o saveiro mais rápido daqueles mares. Homem destemido, Ogam da pedra verde, colhida no fundo do mar, o preferido da Rainha dos Mares e dos saveiros. Tocava seu saveiro com mão firme nas noites calmas e naquelas em que se tornava furioso como um touro bravo. Com a mesma mão firme conduzia Lívia para suas noites de amor na entrada da barra, por sob os cabelos de Iemanjá, que de tão longos se estendem mar afo-



ra, cruzando os sete mares até chegar as Terras do Sem Fim, nas costas do Aioká, onde o sol nunca se põe.

Dizem que numa destas noites, a princesa do Aioká apareceu frente a Guma e convidou o seu preferido a viajar pelos sete mares, para conhecer os seus segredos e ir com ela morar nas terras do Sem Fim, nas costas do Aioká, em seu templo de espumas, pedras limosas, corais e conchas. Sua beleza era tão grande, sua pele branca e macia, seus cabelos cheios de brilho. De sua voz saía uma canção que lembrava as ondas mansas, com um perfume de fazer sonhar, que Guma não resistiu, deixou Valente à deriva, embarcando na carruagem doirada de Iemanjá puxada por parelhas de peixes alados, para conhecer as histórias e os mistérios do mar e ir morar nas suas terras onde o sol nunca se põe.

Navegando célere pelos mares Iemanjá levou-o a fonte do amor, a espuma do mar. Mergulhando numa imensidão de espumas, quando emergiu estava ainda mais bela, dentro de uma grande concha de madrepérola. A Princesa do Aioká convidou-o a acompanhá-la. O vento soprando impeliu-os sobre as ondas, até chegarem a praia, onde foram recebidos por uma corte de jovens, que exultantes, adornaram os cabelos de Iemanjá com belíssimas violetas e vestiram Guma com um traje real e imortal.

De volta ao mar, entre recifes de corais, grandes despenhadeiros e grutas, encontraram um grupo de sereias, que com seus cantos atraíam para junto de si, todos que por ali passavam. Sempre escoltados por cavalos marinhos, estrelas do mar e um cardume de peixes dourados, foram até as profundezas



do mar Egeu onde num magnífico palácio de ouro, vive Netuno o Rei dos mares.

Guma e a Princesa do Aioká, foram recebidos numa grande festa por Netuno e sua esposa Anfitrite, cercados por sua corte constituídas pelas Nereidas, centauros marinhos, Delfins, Ninfas e Ondinas. Após a recepção Netuno levou-os a conhecer alguns segredos do seu reino, como os redemoinhos, as grandes cavernas e vagas, o castelo dos ventos. Ao retornarem, abençoados pelo Rei dos mares, seguiram em sua viagem de núpcias.

Do mar Egeu, Iemanjá levou-o a conhecer os mares mais distantes, os mares gelados onde habita a grande baleia branca temida por todos aqueles que conhecem os segredos do mar. No caminho conheceu Proteu, o Velho do mar que pastoreava suas focas, por entre casas de gelo a fábrica de sonhos de São Nicolau, O Papai Noel. Mais adiante leões marinhos e ursos polares. Morando numa caverna debaixo de uma grande geleira encontram Moby Dick.

De volta as águas quentes mergulham até as profundezas do mar, onde ninguém jamais esteve, e ali na imensidão do reino abissal, protegido por polvos e lulas gigantes, serpentes, aranhas do mar, siris descomunais, e pelos temíveis peixes leão, escorpião e lobo, é onde se encontram os tesouros de Iemanjá. Guma ficou maravilhado com os grandes galões carregados de barras de ouro e prata, além de dobrões e joias, porém o mais belo estava por vir cercado de grandes conchas com perolas de todas as cores, cavernas de cristal onde a imagem da Princesa se refletia em todas as paredes. Dentro baús ricamente ornados, de onde saíam as mais preciosas joias. Toda essa riqueza

era guardada por belíssimas mucamas, ricamente vestidas que a penteavam e enfeitavam.

Retornando das profundezas, Iemanjá levou-o a conhecer um dos maiores segredos do seu reino a “ *a Atlântida perdida*. ” Guma não esperava ver o que encontrou, uma cidade do futuro, como jamais poderia imaginar. Homens e mulheres de uma civilização avançadíssima, vivendo numa cidade coberta por uma grande bolha de vidro. O que mais chamou sua atenção foi o fato de possuírem nos braços e pernas nadadeiras e também guelras como os peixes. Seu meio de transporte para se comunicar com a superfície, eram semelhantes a discos voadores, tudo tinha a cor e o brilho do bronze. Suas histórias, sua cultura e sabedoria eram tão fascinantes que ali permaneceram vários dias, até continuarem viagem.

Ao som dos búzios e caracóis foram recebidos festivamente nas praias douradas das Terras do Sem Fim, nas Costas do Aioká, por Olokum e sua corte constituída por sereias negras, numa grande confraternização dos deuses Iorubás. Guma com suas vestes reais é agora o Príncipe do Aioká e tem a seu lado a mais bela das deusas, Iemanjá, em seu templo de espumas, pedras limosas, corais e conchas, cercado de Ogans com seus ataques milenares, de suas Iaôs, de seus tesouros, potes e redes de pesca.

Contam no velho cais da Bahia que sentado na pedra do Dique, se vê em noites de Lua cheia, Guma e Iemanjá, passeando pelas águas azuis e calmas da entrada da barra. Assim foi contada a história de Guma e Iemanjá pelo pescador mais velho do Cais.

“O FUTURO É AQUI, E AGORA”

Correndo pelo mundo, tenho apenas nove segundos para cem metros conquistar. Sou alegre, divertido, mas não quero pagar mico, se não a galera vai pegar no meu pé. Foi tempo que andava com a turma lá de casa a me acompanhar, agora não, vou sozinho com minhas insígnias gravadas no meu corpo ou com minha turma encontrar, porque é assim que me sinto seguro, falamos a mesma língua, vivemos o mesmo momento, e para cada um apelido, que é a senha com a qual identifico minha patota, minha gang, que é a senha de onde vem, para onde vai.

Sou rock, funk, pagode, sertanejo ou Axémusic. Se entro nos rodeios sou fera, animal mesmo. Destemido, atrevido, mas também a fonte do amor. Sou vênus, Afrodite, Astartite, Sarah o Erzulie, Deusa da beleza, musa inspiradora de poemas e romances. Meu sorriso é um enigma, Monalisa eterna, sou fantástica, misse ou modelo. Sou Apolo a beleza masculina em sua maior representação.

Branca de Neve ou Cinderela é assim que me apresentam a sociedade. “Moçoila Casadoira” estou deslumbrante, debutante, calçada em meus sapatos de cristal salto 19, danço na valsa da vida, a procura do meu príncipe encantado que me fará feliz para sempre. E ele vem, é Apolo, Hércules, muito mais que um príncipe um Deus. É Narciso, que contempla a si mesmo, nas águas espelhadas do amor.

E lá vou eu, no meu skate, no meu Roller deixando minha marca aqui, ali e acolá. Com giz, carvão ou spray, viro até exemplo de cultura nativa para os críticos de arte internacionais. Ronrono minhas mil e duzentas cilindradas. Não tenho limites, ultrapassei a barreira do som com minhas centenas de decibéis. Não tenho limites, quanto mais arriscado, quanto mais adrenalina, mais fico recompensado. Herói da minha gang, mas também sou consciente, voto até para presidente, e se ele não agir corretamente, como grandes guerreiros do futuro que somos, pintamos nossas caras, vamos para a rua e ajudamos a lhe derrubar.

Domino as máquinas luto contra elas em arenas ou em games sensacionais. Nada me assusta, adoro uma disputa, domino a informática, Internauta confesso, Hacker por formação, abro as portas e acesso o que desejar, até na NASA entrei e viajei, fui a Marte, Júpiter, meu objetivo maior Platão. A Lua já me cansei. Mas para sair com minha gata, o carro do velho emprestei, e entro no pega, sou o dono do asfalto, afinal cresci sendo o rei do Cárter, e nesta pista ninguém me abate.

Como Top de linha, disputo uma vaguinha no terrível Enem, Direito, Informática, Letras, Medicina, Engenharia, te-

nho só que conciliar, a vida que em mim explode, a noite que o som me acode e a carreira a cursar. Tudo bem, som com todos os decibéis possíveis, sou DJ, ou me desligo do mundo, curtindo meu som do MP3 ou do celular.

Nas noites toco o horror, nas festas do Halloween, descendo as montanhas russas ou os cabuns da vida. Se o negócio é sonhar, as vezes me deixo levar, mergulhando nos pós da vida, no primeiro bonde que passar. Sou jovem, minha graça e beleza espelho de Vênus, são o passaporte para entrada livre nas minhas festas, ali bebo de graça até quando quiser, até quando minha emoção se aflore e iniba minha razão. Os meus amigos, ah! A entrada deles só mais tarde que eu estiver no clima maior, e neste momento, me entrego aos prazeres maiores. O dia seguinte é hoje, agora o que quero é ser feliz, quanto mais, maior minha adrenalina, minha recompensa. Medo quem disse que tenho medo, faço cara de mal e aperto o dedo e só aí me toco:

– *Cantei prá subir mais cedo!*

Também somos ecológicos, quando montamos nossa bike, num batalhão a desfilar, seja na montanha, campo ou beira mar. Desconheço que minha força está acima dos meus limites e saio arrancando tudo que existe, me chama de estabana-do, no fundo todos estão errados, só tenho que me achar, e quando isso acontecer volto a ser o gênio, do piano, do violino, da pintura, escultura, seja lá o que for. Também me encontro na praia, pro bronze conquistar, ou na academia para malhar. Meu silicone é minha escultura, manequim 46, 480 gramas, 98 de quadril, 400 ml. O que importa, o mais importante é ser

bela e desejada. Sou saradão, minha barriga é de tanquinho, minha bomba são meus ferros, não importa se sou espinhos, agressivo, o que importa é que chamo atenção nos shoppings, nas baladas, nas rave, ou comendo meu hambúrguer onde eu desejar.

Adoro competir, no colégio, na rua, na academia, ballet, vôlei, futebol, basquete, judô, Jiu Jitsu, natação, atletismo, ginástica, dama, xadrez, agora o que gosto mesmo é torcer pelo meu time, pode até ser de botão, mas é aí que juntamos nossas forças, vestimos a camiseta e vamos incentivá-lo. Torcida organizada, bandeira e grito de guerra, desse jeito ninguém vai nos ganhar.

De shortinho e de top, camiseta ou bermudão, legging, ou seja, lá o que a moda mandar, tendo como companheiro inseparável o tênis, em que situação for, cinema escola, baile e até em recepções somos despojados.

Tenho dezoito anos, é hora de me alistar, sou Rambo para defender a pátria e lá vou eu. Sou jovem e destemido, sou um PQD, um Mariner a Brasileira, ou um piloto na terra, ar ou mar. Agora está tudo mais bonito, tenho companhia feminina, mostrando que seja aonde for, elas também têm o seu lugar.

No Natal sou a primeira a comprar, e na conta do coroa vou debitar, o presente do meu gato, do meu bofe, do meu amor, esperando lógico, o que ele vai me dar, afinal juntos em casa ou no mar, o réveillon vamos passar.

Disputo cada minuto que a vida apresentar, alugo o banheiro para mim, com a família a reclamar, dos meus sonhos intermináveis com uma play girl no celular a me acompanhar. Mas

quando chega o carnaval me solto para valer. Toco surdo, repinique ou tamborim, na bateria da minha escola, ou então sou passista, o destaque que todos querem fotografar. Nos salões ninguém me segura, hoje só quero ficar, afinal é carnaval, tempo de sonhar. Delírios e fantasias é hora de realizar. Arlequim, Pierrô, Colombina, havaiana, tanto faz, quero amar, nem que seja por um minuto, não discuto e hora de se entregar.

Quando tudo passa, a aleluia chegar, faço um judas falando da vida alheia, para a pivetada malhar. Correndo como um coelho, vou um ovo comprar, para adoçar a vida de quem me conquistar. E se não pensei, o corpo foi quem assumiu, um novo ser me invadiu, e a cabeça ficou a mil, agora é esperar deixar chegar, menino ou menina não importa agora. E lá vamos nós, em qualquer parte do mundo falamos a mesma língua, somos estrelas da sétima arte, do rádio e da TV, afinal, nós é que damos o colorido na vida no seu presente. Não quero saber de passado, pois quem gosta de passado é museu, meu futuro é aqui e agora, nesse instante, afinal estou no palco dos sonhos, na idade do sem limites.

“ROSA VERDE COMO TE QUERO, ROSA”

Rosa, a flor sagrada de Vênus, foi criada ao mesmo tempo do nascimento da deusa do amor, sendo, portanto, sua beleza e fragrância, o símbolo do amor; seus espinhos a lembrança de que o amor pode ferir. Rosa, sinônimo da beleza, de perfume, de amor. Rosa flor, Rosa mulher. Rosa que canta e encanta, que igual as roseiras que ao vento balançam e soltam suas pétalas e perfumem o ar, com seu gingado deixa-nos hipnotizado, com um ar de magia contagiante. Rosa sem espinhos, Rosa Branca é o símbolo da pureza de Maria, que em dias de muita agitação, de tuas pétalas farás o chá, que junto a teu acalanto, acalmará minha alma.

Nasces botão, desabrochas, vira flor de todos os matizes. Símbolo da vida que nasce, que continua nos acompanhando a cada momento com suas chuvas de pétalas, enfeitando nossos caminhos nas apaixonadas noites de amor até a eternidade.

És o adorno mais desejado sem preconceito de etnia, idade ou cor. Joia rara imortalizada no ouro ou na prata, para en-

feitar suavemente os dedos, no colo como pingente, broche ou pousada delicadamente sob os cabelos: louros, negros, castanhos; lisos ou encaracolados; curtos ou compridos.

Quando a vida está um alvoroço, com as vermelhas, presenteio a moça, que com seu sorriso maroto, ajudou meu amor conquistar. São com elas também que toda de branco vou para o mar, aguardar o ano novo chegar, homenageando minha mãe com rosas brancas ou amarelas, símbolos da boa energia que durante o novo ano espero me acompanhar.

Rosa que com o arrebol a colorir sua estrada convida a dar início a mais um dia, porém também estás presente criando um cenário maravilhoso, envolvente quando se recolhe no horizonte, levando aos que o contemplam a te ovacionarem, com palmas e cantos pela paz que nos trouxeste, deixando com que uma lágrima furtiva, surja de nossa emoção e mãos dadas a meu amor, caminho pela praia, montanha, campos, ou ainda tomando uma cerveja, ouvindo um samba ou mesmo o “*Bole-ro de Ravel.*”

Fina companhia na mais requintada soirée, viras Rosè, e se o ditado latino puder a ti ser aplicado, “*In Vino Veritas*” és o símbolo da delicadeza, pureza, do amor que floresce. Quando, “**Rosa: Mulher, Flor e Vinho**” juntam-se a mesa, acendam as candelas rosas, e deixe que saia da rosa do cravo, o som que te imortalizara.

Rosa poema, rosa canção, és a inspiração dos poetas que tiraram de ti a fonte dos seus devaneios. Desafio aos grandes pintores que ao passarem para suas telas a “natureza morta” brincam com tua vida, se perdem em tuas cores, e procuram o teu

azul que escondeste em tuas raízes. Tua singeleza é procurada no cizel do escultor, para te criar na pedra ou no bronze. Quantos amores ficaram marcados eternamente em páginas de livros com suas pétalas. Ou então nos bordados, tricots ou crochês, que carinhosamente confeccionavas enquanto aguardava o fruto do nosso amor que ias fazendo, na história viva que nos acompanha.

Mística, ultrapassas o limite dos homens, das crenças que se apegam a ti, para alcançar o céu, ou seja o momento maior da floração da energia da vida, teus espinhos são tua origem, mostrando que tens o poder do equilíbrio acima do bem e do mal. No mais alto grau sois Rosa Cruz, carregando junto contigo a cruz e o pelicano, simbolizando o amor filantrópico a teus irmãos. Sois vós quem constrói e embeleza o mundo.

Sob tua orientação o homem conquistou os mares, encontrou novos caminhos, novos continentes. Na rosa dos ventos, o bom caminho, o bom vento: norte, sul, leste ou oeste, mas também advertes para o perigo que vai chegar, sudoeste é mau presságio que avisa ao pescador, que é hora de voltar, se aquecer nos braços de sua amada rosa até a tempestade passar.

Estás presente em todos os bons momentos, solitária num fim de noite és a única testemunha que permiti me acompanhar. Também és o ramo que presenteia ou a cesta que garantia. Enfeitas nossos caminhos quando somos cinderelas, a procura de nosso príncipe encantado, ou então como testemunha do nosso sim, para o todo e sempre, em que nos unimos, é sinal de sorte para aquela que pegar o buquê, de que uma nova união está próxima. Do bebê és a cor, aos enfermos dás um

ambiente de paz e recuperação rápida, porém é independente do teu tom, és o símbolo da feminilidade, é menina tudo é rosa. Tua pele é delicada como o pêssego. A essência do seu perfume é guardada a sete chaves, pois tem o poder da sedução, de levarmos ao mundo dos delírios e das fantasias.

Também tens teus momentos de cura, afinal és rosa mosqueta, ou mel rosado, água de rosas que além da cura trazes a beleza. És **“Rosa do Povo”** pois assim te imortalizou nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, mas também és a fonte do saber a ensinar crianças a ler escrever e te amar. Fruto de boa polpa, doce como o mel, te chama de manga rosa, quando juntas o verde com o rosa, e da semente que produzes nasce a árvore que frutifica, **Mangueira**, que também se imortaliza como o símbolo maior do samba, com suas raízes fincadas profundamente no coração de cada um de nós e é de lá, do Morro de Mangueira, que Rosa passista, baiana, porta bandeira, destaque, ritmista, compositora, diretora, apoio, descem o morro ao som do surdo, do agogô, sabendo que rosa e samba se confundem, formando um mar de rosas, que na avenida conseguem fazer do final, o início. São o ritmo da vida, a representação maior da flor, do fruto, do perfume, da mulher, da energia de um povo, que misturam na avenida as rosas de sua vida com a do novo dia que surge: **“Rosa Verde porque te Quero Rosa.”**

SE LÍNGUA NÃO LHE CABE AÍ, ENFIA NA SAPUCAÍ?

Um dos gigantes de nossa cultura popular, Aniceto do império, dizia que Deus fez o homem depois de uma certa idade, com o ouvido mouco para escutar a quem quiser, e com a língua frouxa para falar o que bem desejar. Língua definida como órgão muscular, carnudo, alongado, móvel, situada na cavidade bucal que serve a degustação, deglutição e articulação dos sons e da voz. Para outros não, é a felicidade da terceira idade, um órgão sexual complementar. Um grupo de futuristas da seleção natural, afirma que será o terceiro órgão sexual, perfeito, prazeroso, sem riscos de surpresas, bissexual por excelência e conveniência.

És a fonte do paladar, e é com ela que consigo degustar, a boa safra de vinhos. Sou Baco a provar as melhores essências que o homem pode criar. Dizem que tu és morta, quando ninguém mais te quer falar, mas és mãe de outras línguas que querem te imitar, somos latinos, românticos mesmos, nossas irmãs são famosas, como gourmets ou ditando moda. Fran-

cesas ou italianas, ou cheias de energia, espanholas por natureza, com título de nobreza concedida pela Rainha Isabela de Castela ao som das castanholas. Catalãs ou Provençais, exóticas como o Sardo, a Romena ou o imponente Rético. Logicamente que mãe não é uma só, tem a dos nossos vizinhos, ingleses, alemães, russos. Tem as orientais. As africanas, porém, não tem o charme e a imponência de uma língua que canta um samba, um fado, uma salsa, bolero, mambo, ou um quente e apaixonado tango.

Mas também és carinhosa quando tocas e sussurras, quase sempre maliciosa “no pé do meu ouvido.” Quantas vezes me ninaste com teus acalantos. Também cumprimentas os patrícios no frio da imponente Moscou. É com tuas massagens que as mães estimulam as crias, recém-nascidas para respirar, demonstrando preocupação e afeto, ou a lhe alimentar. Quando estás no seio a amamentar é com a língua que vais sugar, se não o fizer, darás com a língua nos dentes e dentuço vais ficar, terás que botar aparelho, para tentar consertar, além de tati bi tate no falar.

As vezes te desejo defumada, recheada, assada, com legumes e batata, quem sabe na tua forma marinha, sofisticada, Linguado a belle monier. Como sobremesa línguas de gato. Mas que belo accipe, afrodisíaco sem igual, “as línguas do Rouxinol.”

Por ti tenho profundo respeito, não lhe tiro proveito, pois em roda de bruxaria, em noite de quarto minguante, dentro do caldeirão, vai levar língua de sapo, de morcego, de dragão, de serpente, ufa, sai pra lá língua ferina, viperina, vou procurar uma língua de fada, que me proteja e também um amule-

to que me livre da peçonha da língua das minhas comadres, a jararaca e a cascavel. Tem a língua ardente que no cinema nos aquece e envolve a gente. Filme que é bom eu nem vejo.

Existem línguas afiadas, que tudo sabem e na ponta da língua. A língua Punk enfeitadas com piercings, a de gente inteligente como a famosa língua do Einstein, a azul, a branca, a amarela, a vermelha. Agora língua negra só as que enfeiam e contaminam as praias. Não podemos nos esquecer do língua suja, desbocado por natureza, e que nem pimenta na ponta da língua dá jeito, que nos quadros de jornais ou na mídia viram um conjunto de sinais e símbolos para lhe representar. O linguarudo, língua comprida, de prata, de palmo ou pior ainda de palmo e meio, como a língua de sogra que de tão famosa virou brinquedo. A língua artesã, a do pirarucu, que vira lixa potente na mão do escultor.

Em noites de frio, da lareira sai uma língua de fogo que nos aquece, e que também está presente nas fogueiras das festas ciganas, nos luaus à beira da praia, ou nas festas de São João. Agora segredos se os tem guarde para você, senão ficam com a língua coçando, dão com a língua nos dentes, porque sua língua é maior que o corpo. Se me pedes para trocar a língua, mesmo com sua insistência, mesmo que você me puxe pela língua, não devo fazê-lo, senão vou pagar pela língua, como gravata.

Quando era criança me chamavam de língua de trapo, mas fui me ajitando, e hoje quando quero que ninguém me entenda, converso na língua do **P** e **PROM PO, TO PO**. Não posso me esquecer do medo que sentia quando alguém dava

língua para mim fazendo caretas, ou dos mascarados com suas línguas enormes que não deixavam as crianças dormir nas fantasias de carnaval ou então para não colocarem besteiras na boca, senão dava sapinho na língua.

Existem também línguas caçadoras, aquelas que vão ao longe como a língua dos lagartos, dos sapos, rãs, pererecas ou a imensa do tamanduá que entra no formigueiro atrás do seu petisco preferido, formigas ao natural. E a da girafa, que vai atrás dos mais tenros brotos das árvores, nos galhos mais altos. Existem as que sugam como as das abelhas e a do Beija Flor.

Com distribuição de prêmios e troféus, tem concurso para ver quem dá beijo de língua mais tempo, afinal dizem as mais línguas, que é por aí que tudo começa.

Por fim a língua do povo, que elege e demite a língua do político, a língua da elite, a língua do plebeu. E o povo desenferruja a língua, quando entra na avenida cantando o samba enredo de sua escola. Agora se depois de tanta língua, a sua ainda não lhe couber aí, vem prá cá, junta-a com a nossa e enfia na SAPUCAÍ.

REINO RECREATIVO E ESCOLA DE SAMBA, DE SUA MAJESTADE I^a E ÚNICA, O CARNAVALESCO

Tua origem é humilde, plebeia mesmo. Negra de alma, cabocla de espírito, começaste como resposta dos menos favorecidos, que unidos davam som, luz e cor as suas imagens do mundo. Foi assim que surgiste, a semelhança dos quilombos. Tuas bandeiras foram sendo fincadas, e não por acaso, uma em cada morro onde o som do surdo era teu grito de convocação, o lirismo dos poetas seus sonhos e a cada componente o direito de ser: Rei, rainha, príncipe, princesa, enfim a realeza, nem que fosse por um dia. Assim surgiste, ao som dos corações em forma de bateria, do sorriso alegre, do choro de contentamento. Tua vida, teus sonhos, uma peruca a imagem e semelhança dos lordes britânicos, imponentes, majestosos, reais. Te organizaste como Grêmios, fazendo a recreação para as comunidades que te envolviam. Não foram poucas as vezes que calaste tua voz, para no calor do fogo, esticar seu coro, e afinar as vozes ao des-

cermos para a avenida, razão de ser de nossas vidas. Dias e noites mal dormidas, porém nossos Grêmios Recreativos também eram Escolas de Samba e de bambas. Ao desfilar justificávamos tudo o que fizéramos durante o ano. Nosso enredo, era escolhido por todos, na maioria das vezes feitas dos heróis que aprendemos a admirar nas páginas dos livros de história do Brasil, nas Escolas Públicas. Era uma forma de homenagearmos e fazermos nossas comunidades conhecerem e admirarem nossa brava gente, quase sempre desconhecidas. Não tinhas a imponência nem a opulência das grandes sociedades e frevos, eras modesto, como tua origem. Com chuva ou com sol, ano após ano, todos os “quilombos” mostravam o trabalho de sua gente. Como “fogueira se acende com galhos finos, ” assim foste tu, e o calor das fogueiras que esticavam o couro dos teus surdos, repeniques, tamborins, foram se espalhando cidade afora, agora pomposamente chamado de “**Grêmios Recreativos e Escolas de Samba,**” vosso orgulho maior porque levava o nome de tuas origens, as cores do teu estandarte que desenhaste como brasão. O toque de entrada da sua bateria conservava a saudação ao orixá protetor de sua escola, afinal sua origem vinha de longe da “Mãe África.” A dança elegante de vossos mestres-salas e porta-bandeiras, representavam a corte que fazias ao amor que pulsava dentro de vós, orgulho maior por seres frutos de suas raízes.

Tua voz em forma de canto era o samba enredo, que chegava bem antes de vós ao asfalto, e quando entravas na avenida, razão de ser de vossas vidas, tuas cores, teu canto, alegrava a quem te assistia, que por sua vez contagiava a todos vós e trans-

formavam o desfile numa energia só, onde os sorrisos e as lágrimas, eram parte de um sentimento: a felicidade de um artista anônimo, defendendo nossas tradições.

Ano a ano, foste crescendo e daqui e dali novos valores foram se juntando a vós, passaste a ser reconhecido, não precisavas mais pedir licença a **“Imprensa Escrita, Falada e Televisada”** em teus abres alas, afinal estavas sendo reconhecido como artista neste espetáculo de um só dia, regido por **Rei Momo 1º e Único**.

Ao longo do caminho que percorreste foste perdendo tua informalidade e simplicidade. Tuas vozes passaram a ser reunidas e vendidas para alegrarem as festas de final de ano, bailes pré-carnavalescos em qualquer momento. Emprestavas em nome da alegria, vosso som, dança, costumes.

Cada vez mais deixavas de ser quilombo e passavas a ser Grêmios Recreativos. Começaste a utilizar novos valores, afinal um espetáculo como este, não podia ter como suporte a informalidade, fantasias, alegoria, adereços, enfim tudo tinha que ser totalmente planejado, e armazenado em chips de potentes computadores. Desprezaste a fogueira de vossos corações que esticavam os couros de vossas vidas, pela frieza do nylon, que te tornou impermeável a tudo e a todos. O confete, a serpentina, a purpurina, enfim a simplicidade passou a ser substituído pelo brilho importado, pelos efeitos especiais, mantidos por potentes geradores, que além de gerarem energia para manter a beleza exigida no desfile, foram responsáveis também por uma legião de vassalos sob o comando de uma nova majestade: **“O CARNAVALESCO”**

A necessidade de tornar mais espetáculo e menos desfile, foi aos poucos te afastando de tuas origens, e nos Grêmios Recreativos e Escolas de Samba, as comunidades não mais participam da escolha dos enredos, as baterias perderam suas identidades, não saúdam mais seu orixá, as baianas perderam seu ritmo, as passistas seu espaço. Não é de lá a voz que interpreta o samba enredo, todos passaram a ser contratados de fora, a peso de ouro. Os componentes das alas para os desfiles são requisitados em lojas de Shopping Centers, bem como em todos os lugares do mundo através de chamadas na imprensa escrita, falada, televisada, pela internet, face book, Instagram, Twitter. As fantasias são apresentadas em desfiles para a alta sociedade, menos na sua origem. Para estes sobram uma ou duas alas. É a razão dos tempos. Agora tudo é feito sob a batuta de um novo Rei, é ele quem define vosso tema, sua voz, cores, quem vos entrega o como e o porquê. Construíram para teu espetáculo um templo, um palácio, porque não podias continuar a vagar pelas ruas como um cão sem dono, num arma e desarma arquibancadas atrapalhando o trânsito, afinal movimentas centenas de milhões de dólares dos turistas, empregas centenas de milhares de trabalhadores que tiram de ti o sustento de suas famílias. Nossos padrinhos surgiram e passaram a ser nossos benfeitores. Continuamos a crescer, nossos novos reis são globais, dominam a arte do desenho, da criação literária, a multimídia aplicada aos enredos. São escultores, figurinistas, porque querendo ou não, é como se fosse uma peça de teatro, uma ópera de um só ato, de forma linear, portanto todos os detalhes têm que ser observados. Deixaste de ser Grêmio, perdeste as cores

de tuas origens, passaste a ser **“Reinos Recreativos e de Escola de Samba,”** onde tuas cores agora são a do teu **“Rei de aluguel, vosso Carnavalesco,”** SUA MAJESTADE 1º E ÚNICO. Suas ordens não são contestadas. Seus delírios são respeitados, admirados. Vosso desfile cresceu na horizontal e na vertical. Os destaques e que destaques, disputam com artistas e socialites, o lugar mais alto, o visível em 360º dos carros alegóricos, onde as câmeras de todo mundo possam lhe apresentar em close, com seus movimentos aeróbicos, seus lábios fechados, ou fazendo mímica, porém o destaque maior do desfile é ele, **O CARNAVALESCO, NADA EMPANA SEU BRILHO.** Samba mesmo que é bom ficou com a turma da manutenção que vem empurrando os carros alegóricos, ou quando termina de passar o Reino Recreativo, pelo espetáculo dado pelo Gari Sorriso.

Na Avenida a disputa entre os Reinos, com cada **REI** sofisticando-se mais, superando-se, fazendo dos espelhos o veículo dos seus deslumbres. Perdeste tua identidade, tua história, teus heróis, teu som, tua voz. Os enredos passaram a ser negociados por vossos **REIS**, com os que querem vender suas imagens para milhões, bilhões de olhos através de todas as mídias, do maior desfile da terra. Foi-se o tempo em que eras **QUILOMBO**, ou **GRÊMIOS RECREATIVOS E ESCOLAS DE SAMBA.** Evoluíste, sois a **REALEZA**, tens um **REI DE ALUGUEL.** Passaste a ser: **O REINO RECREATIVO E ESCOLA DE SAMBA DE SUA MAJESTADE PRIMEIRO E ÚNICO, “O CARNAVALESCO”**

“ÁGUIA, A GUARDIÃ DA CASA DOS DEUSES”

Na entrada da baía de Guanabara, Cauê em sua piroga recepciona os Deuses do Olimpo que vieram para assistir os jogos Pan-Americanos que serão realizados em sua homenagem. A natureza se engalana com uma coroa de arco-íris, dando brilho e cor a chegada de tão nobres visitantes.

Golfinhos com sua alegria costumeira dançam em torno deles, recepcionando-os com sua dança de extrema beleza e leveza. Os Deuses sorriem com o espetáculo que lhes é apresentado.

Cauê é o grande anfitrião, e à medida que as pirogas vão cortando as águas da Guanabara, ele começa a contar a história da Casa dos Deuses Tupinambás, para os Deuses do Olimpo: – Há muitos e muitos anos aqui só existiam as florestas, os animais, e era onde morava um povo Guerreiro, os tupinambás. Aqui também viviam seus Deuses, Iara e Tupã.

A casa de Iara é aquela montanha de pedra em forma de seio, de onde sai o rio Carioca, que veio dar o nome aos que

aqui vivem hoje, e que desaguava na baía de Guanabara, formando o seu rosto.

Eram ali que em noites de lua cheia as belas índias Tupinambás acompanhadas pelos seus guerreiros preferidos vinham ouvir Iara cantar, sonhar com o futuro, e amar na relva a luz da lua cheia, acalentados pela Rainha das Águas. A casa de Iara era envolta por uma densa floresta colorida e que de suas flores exalavam os mais agradáveis perfumes, e que se estendia até a casa de Tupã, em sua linguagem, Metaracanga, “o guerreiro Tupinambá com seu penacho” (hoje a Pedra da Gávea), que fica do outro lado, naquele penhasco maior, Um dia o poeta Gonçalves Dias, fez um poema em seu louvor o Gigante de Pedra, o qual Osório Duque Estrada se baseou para criar a letra do Hino Nacional: “Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso”. Com o céu e o mar servindo de adorno, Tupã está ali, “Deitado eternamente em berço esplendido ao som do mar e a luz do céu profundo”. O farfalhar das ondas e canto do Sabiá, são suas músicas preferidas, e o Cruzeiro do Sul sua visão predileta. Existem dias em que se cobre de nuvens, e é quando Tupã nos faz ouvir sua voz rouca, e nos mostra sua arma mais poderosa, seus raios. Nestes momentos, todos se calam, rendendo-se a autoridade do pai.

Aos seus pés morava a figura dos espíritos do mal, Anhangá macho e fêmea (Itaangangá) e Ipupiara, que saído das águas do mar (leão marinho), impediam que os Tupinambás falassem com Tupã devolvendo sua voz (eco).

Uma grande lagoa de águas prateadas separava Metaracanga, das Terras do Sem Mal, Itatinga (maciço da Pedra Branca)

que tem na sua entrada cinco grandes rochedos, sendo o grande pássaro (Águia) o seu grande guardião e por sua característica de dupla interpretação de acordo com quem o observa, guarda também a figura do ancião, que representa a sabedoria.

A seu lado o grande Jacaré, origem dos Tupinambás segundo suas crenças, a Paciência (Jabuti) e a Perseverança (o Lagarto derrotando a Cobra). Aqui moram a Sabiuna com seu canto maravilhoso, o sabiá que acorda o sol com o seu canto da terra e o Guaráxim, olhos e ouvidos dos Tupinambás na noite.

Quando os portugueses aqui chegaram pela primeira vez em 1º de janeiro de 1502, foi este cenário que encontraram, achando que estavam na foz de um grande rio daí o batizaram de Rio de Janeiro, região que se manteve preservado por mais ou menos 50 anos, enquanto o contato era dos tupinambás com os franceses. A consequência deste intercâmbio foi a vinda dos franceses para criarem a França Antártica pelo Almirante Villegaignon.

Os reis de Portugal avocando para si, em função do Tratado de Tordesilhas, serem os donos das terras que pertenciam aos Tupinambás começaram a demandar com os nativos apoiados pelos franceses, culminando com o conflito comandado por Estácio de Sá, que resultou na fundação de São Sebastianópolis (Hoje a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro). A partir deste momento com a destruição total das aldeias, Carioca e de Urusumirim, e a morte de seu grande líder Aimbire e de sua mulher Iguaçu, as outras aldeias, num movimento de defesa da Casa dos Deuses Tupinambás, se aquartelaram nos morros da periferia (hoje, Penha, Alemão, Juramento, Urubu

e outros), até serem totalmente aniquilados, pelos portugueses comandados por Antonio Salema. As florestas foram destruídas, os Tupinambás foram contaminados com varíola e cólera, junto com intensos bombardeios de canhões apoiados pelos índios Terminós comandados por Araribóia, inimigos dos Tupinambás.

Os Senhores hão de me perguntar: – Como, com a destruição de todas as aldeias pode chegar até os dias de hoje os valores que faziam parte da cultura nativa, tais quais, o nome dos lugares, das plantas, dos acidentes geográficos suas lendas e mitos? – Tudo isso parece ter ocorrido através da transmissão desses valores, oralmente pelos então considerados infames pelos portugueses: índios, africanos, ciganos, judeus, mouros, entre outros. A participação dos africanos escravizados por serem a grande maioria da população aqui residente e pela identificação cultural de seus valores com a dos Tupinambás, colaborou para esta perpetuação. Falam os mais antigos, de encontro do último índio que restou, um neto de Aimbire, com um príncipe negro Nlá Eiye e sua guarda de honra oriundos da região de Keto, que ao fugirem de um engenho nas cercanias das terras do Sem Mal, foram orientados por pequenos pássaros africanos (biquinhos de lacre) a seguirem para a Casa dos Deuses, a Floresta da Tijuca. Do encontro de Nlá com um descendente de Aimbire, surgiu o compromisso de que os negros manteriam vivas as tradições Tupinambás e a defesa da Casa dos Deuses, Iara, Tupã e a Floresta da Tijuca.

Para comandar a Legião de tupinambás que moravam eternamente dentro dos sagrados Jequitibás foi convocada a en-

tidade negra Iansã de Ballé, a rainha dos ventos e comandante do espírito dos mortos, que se apaixonou por Nlá e de seu amor nasce Ogum Onylê, que herda do pai o compromisso da preservação dos valores nativos.

Criado livre entre os habitantes da cidade do Rio de Janeiro, é testemunha da chegada de Dom João e sua família em fuga de Portugal escoltado pelos ingleses, ameaçada que estavam por Napoleão. De bom transito com todos, convive com D. Pedro a quem ensina os fundamentos da capoeira, que torna-se devoto do Guerreiro São Jorge de onde faz parte da irmandade.

Participou na praça da aclamação da festa de recepção a D. Pedro I pela independência. Arrepiou-se e chorou ao ver Francisco Manuel da Silva, o Chico músico, que no seu sítio em Jacarepaguá, aos pés da terra do Sem Mal, ao ouvir o canto da terra do Sabiá, fez com que seus acordes se convertessem na música do Hino Nacional.

Foi um dos primeiros a se apresentar na defesa da cidade contra os mercenários irlandeses e alemães em sua tentativa de tomarem para si a cidade, criando junto com o mestre Vidigal e a milícia de capoeiras que lhes impôs uma derrota fragosa, levando os irlandeses a serem deportados para os Estados Unidos. Lutou com todas as suas forças contra a escravidão e pela preservação da Floresta da Tijuca, a Casa dos Deuses Tupinambás, em face de sua destruição pelos Ingleses para o plantio do café. Foi testemunha da discriminação feita pelos ingleses ao Santo de origem africana São Benedito, abandonado no adro da igreja de Santo Antônio, por ser um Santo Negro.

Em sua luta pela preservação da Natureza, da Casa dos Deuses Tupinambás, conviveu com a corte e conseguiu como aliada na defesa da causa nativa a própria rainha Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon. Esta começou a se preocupar com o destino da cidade, que caminhava para um grande deserto com a derrubada da floresta e a conseqüente seca de seus mananciais de água, e da epidemia de febre amarela que vitimava cada vez mais ingleses moradores nos cafezais da Tijuca.

Outro que também defendia a Casa dos Deuses era o guarda florestal Manoel Gomes Archer. O próprio Dom Pedro II, sensibilizado pela rainha, envolveu-se com a causa e desapropriou as terras pertencentes aos ingleses para de novo ali surgir a floresta da Tijuca, a Casa dos Deuses Tupinambás.

Seis escravos sexagenários: Constantino, Eleutério, Leopoldo, Manoel, Matheus e a escrava Maria ofereceram-se para continuarem escravos e replantarem a floresta. Com a águia servindo como o elo entre o passado e o presente, A terra do sem mal e a Casa dos Deuses, as sementes foram sendo colhidas ali onde vivem eternamente os Tupinambás, reconstituindo na sua origem o que o homem destruiu. Um dia o poeta Gonçalves Dias, fez um poema em seu louvor o gigante de pedra, o qual Osório Duque Estrada após a Proclamação da República, se baseou para criar a letra do Hino Nacional, 100 anos após de composta, “Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso”. Com o céu e o mar servindo de adorno, Tupã também está ali, “Deitado eternamente em berço esplendido ao som do mar e a luz do céu profundo”. O farfalhar das

ondas e canto do Sabiá, são suas músicas preferidas, e o Cruzeiro do Sul sua visão predileta.

Refez-se o equilíbrio, através do compromisso de se manter para sempre acesa a chama da cultura Tupinambá que hoje vive dentro de cada um de nós, servindo de exemplo para o mundo, sendo hoje reconhecida por todos e a solicitação a UNESCO para tornar a Casa dos Deuses Tupinambá, Patrimônio da Humanidade.

Ali os homens aprenderam a voar, a ver a beleza da floresta encontrando-se com o mar. Ali ressoaram o Rum, Rumpi e o Lê do quilombo junto com o Batakoto, e o Torodonto, som do coração dos africanos escravizados e dos Tupinambás. Este sentimento nativo veio morar dentro da Portela, o nosso ninho, e ensinando aos Filhos da Águia para que o perpetuem.

Neste momento, gostaria de lhes apresentar vossa grande guardiã, a Águia, que também é da Casa dos Deuses, recebendo-os, Zeus e Hera Deuses do Olimpo e seus convidados para participarem desta grande festa na entrada da Terra do Sem Mal, para que os guerreiros tupinambás que ali descansam em sua eternidade, possam assistir de dentro da grande nave dourada que os conduz, “a Mãe do Ouro”, os jogos Pan Americanos que se realizarão em vossa homenagem e aos Deuses ali presentes, protegidos sob as asas da Águia, sua eterna guardiã.

DA AMAZONIA PARA O MUNDO

Na floresta Amazônica, um guerreiro da tribo kambeba, os Omaguás, o povo das águas, as margens do Rio Japurá, foi castigado pelos mais velhos da tribo a carregar água de um lado a outro num paneiro, um pequeno cesto de vime com duas alças. Tururakari, o Deus supremo dos Kambeba, com pena do valente guerreiro, fez com que ele banhasse o paneiro no sangue branco da cauchu, a seringueira. A seiva cobriu todos os lados e o fundo do cesto impedindo a saída da água, e assim ele podia cumprir seu castigo. Quando os mais antigos viram o perdoaram. Daí em diante o sangue branco da cauchu passou a fazer parte do dia a dia das tribos Kambeba, e diz a lenda que a mãe das seringueiras aparecia aos que lhe iam sangrar que pedia que não a ferissem muito profundo. Os que pouco a feriam, recebiam como troca grande quantidade de seu sangue branco, os que pelo contrário aprofundavam seus cortes, nada ou quase nada recebiam em troca. A convivência do povo das águas com a seiva da Cauchu, permitiu que a utilizassem de di-

versas formas, como botijas para transporte de água, galochas primitivas e como bolas para diversão. Um Carmelita e um Jesuíta foram os primeiros religiosos a entrarem em contato com os Kambebas que habitavam o baixo Solimões, entre os rios Napo e Japurá, e ficaram admirados com a evolução do povo das águas e o que mais chamou atenção foi o que faziam para o dia a dia, com a seiva do caucho. A transferência desse conhecimento nativo foi sendo feita da Amazônia dos kambebas para o velho continente, até que o naturalista francês Charles Marie la Condamine comunicou a Academia de Ciências da França, possibilitou que fosse divulgado por toda a Europa permitindo que começasse a ser utilizado nos mais diversos setores. O pesquisador inglês Edward Naine em 1770, criou a *rubber eraser*, a borracha de apagar tanto usado nas escolas. Um dos primeiros a utilizar o conhecimento dos kambebas foi o Deus Bacco, na confecção de botijas de caucho para vinho, substituindo as que eram feitas de couro. Em seguida o latex chegou ao vestuário masculino e feminino, com a criação dos suspensórios, das cinta ligas e das peras higiênicas, as seringas sem embolo, as duchas femininas. Daí em diante entrou definitivamente no desenvolvimento tecnológico. Daí em diante o caucho perdeu sua identidade e passou a ser chamado de seringueira numa referência as seringas sem êmbolos as duchas femininas. O acaso levou o inventor Charles Goodyear a tornar o látex mais elástico e resistente, ao deixar cair látex e enxofre sobre uma chapa de fogão, que em homenagem a Vulcano o Deus do fogo recebeu o nome de Vulcanização. De tudo se fazia, os balões de látex que era a diversão das crianças, brinque-

dos, capas, galochas, colchões. Daí para os pedais de velocípedes e bicicletas e pneus maciços foi um pulo. Mas o látex podia mais, muito mais, e subiu aos céus na forma de balão inflado com gás, mas na terra as sandálias do deus Hermes que fazia os homens voarem tomaram a forma de pneus, os homens agora diminuía suas distancias usando um puro produto das selvas amazônicas. Não tardou e chegou aos esportes, ao tênis, ao golfe, mais tarde ao futebol, vôlei, basquete, handebol, ao polo aquático dentre outros. Cada dia que passava, mais e mais, as seringueiras eram feridas para retirarem sua seiva e atravessar o oceano. O sangue do cacahu, agora mudara de nome, agora era parte integrante do desenvolvimento tecnológico, da revolução industrial, componente importante das novas máquinas. Belém do Pará, virou a Paris Tropical, Manaus o Reino dos Barões da Borracha, que se davam ao luxo de acender seus charutos com notas de dólares e lavar suas roupas em lavanderias de Paris ou Londres. Junto com o Ouro Branco veio o desenvolvimento a importação da cultura europeia, cujo maior exemplo foi o Teatro Amazonas, no nível de qualquer um da Europa. A floresta acostumada ao canto do rouxinol, passou a ouvir, La Gioconda, O Guarani, Fausto, Carmen e La Traviata e outras mais. Era La Belle Époque do ciclo da Borracha, a necessidade do látex aumentava dia a dia, fazendo com que botânico inglês Henry Wickham levasse cerca de setenta mil sementes da seringueira para Londres que foram plantadas nas colônias inglesas da Ásia, o que fez com que se tornassem grande produtora de latex. O sangue branco da Cauchu agora era de dominio inglês, o que fez decair a produção da Amazônia. O

látex das seringueiras invadia todas as casas, e chegou ao famosos Cabarés franceses, ao Le Chat Noir; Folies-Bergère e no Moulin Rouge, onde o Can Can domina o público, onde as cintas ligas fazem parte do espetáculo. Na França, os irmãos Édouard e André Michelin, criam os pneus para bicicletas desmontáveis e o produto de sua invenção ganham a corrida. Os irmãos são também os primeiros a usar o pneu para automóveis, as sandálias de Hermes em forma de pneu, que os levava aos anéis de Saturno. Em seguida ganham também a primeira corrida de carros. O mundo se rende ao produto da Amazônia que domina a tecnologia e que possibilita seu avanço. O progresso chega a floresta em forma de Estrada de ferro a Madeira Mamoré, que serpenteia a floresta, trazendo o Ouro Branco para ser mandada para a Europa e Estados Unidos. As asas das sandálias de Hermes em forma de pneu, fez a máquina sair do chão e sobrevoar o Campo de Bagatelle, em Paris, sob o comando de Alberto Santos Dumont, o 14 bis, "*l'oiseau de proie*" (ave de rapina) dos franceses. O espírito do Caucho, seu sangue branco fez o homem voar como os pássaros, e não parou indo cada vez mais longe, transformando-se em aviões cada vez maiores e mais velozes, chegando aos foguetes interplanetários. Todo dia uma novidade, mas a segunda grande guerra mundial voltou a fazer da Amazônia uma grande produtora, voltando a cair com o seu término. O mundo seguiu sua marcha e o látex o acompanhou. Nossos sonhos de sermos reais, de encontrarmos nossos príncipes ou princesas se tornam realidade sobre colchões de nuvens. A tecnologia do século XX, levou-o ao universo, passeia pela Lua, por Marte, pelos anéis de Sa-

turno. Permite que se viaje para conhecer as belezas contidas no Reino de Netuno, de Olokún e Iemanjá. As cores do paraíso amazônico dos Kambebas se tornaram eternas, o amor se tornou livre, e o látex deu-lhe maior liberdade, as camisinhas da deusa do amor, Venus, masculinas ou femininas, nos protegem de todos os males e também planeja nossas famílias. Os calendários das borracharias aguçam nossos desejos. Nas festas infantis, no Natal, Dias das Crianças, onde houver alegria lá estará o látex colorido ou não, em forma de balão ou brinquedo, e na primeira bola, boneca, tênis, no primeiro soutien ele sempre estará presente. As sandálias de Hermes permitem que os atletas superem seus limites, seja em forma de chuteiras ou mesmo de tênis cada um com sua função. As galochas do povo das águas, os Kambebas, viraram sandálias de dedo, e dominaram o mundo, quem não as usa? Quem não as quer? Viraram nadadeiras, os pés de pato que encurtam as distâncias nas piscinas, nas águas de Netuno ou de Iara. Os esportes radicais são movidos pelo espírito do Caucho, o látex. Para manter viva nossa cultura, em Parintins o folclore amazônico e lembrado pelo Boi-Bumbá Garantido, homenageando o seringueiro, e não se pode falar de seringueiro sem lembrar do nordestino Chico Mendes em defesa da floresta amazônica. Um gigantesco Chico Mendes destacou-se em Parintins como grande destaque do Garantido, com os braços abertos simbolizando uma seringueira. Da Amazônia, o espírito da Caucho, veio conduzido pelos ventos, pelo canto dos pássaros, no ribombar das pororocas, no marulhar das ondas, trazendo a cultura e os costumes do Povo das Águas, os Omaguás, os Kambebas, para

desfile na Sapucaí mostrando para todos que seu sangue branco, seu espírito sagrado, saiu da Amazônia atravessou o oceano, foi para o outro lado, voou bem alto e hoje vasculha o universo com telescópios potente. O espírito que mora dentro de todos os Cauchus, permanece junto de nós. As seringueiras (o Caucho) são o espírito da Amazônia, o látex, seu sangue Branco, saiu da **AMAZONIA PARA ENGRANDECER O MUNDO.**



Branca Paixão - "A madrinha" 1m x 1m acrílica sobre tela

autografia

Este livro foi composto em Sabon
Std pela Editora Autografia e
impresso em papel offset 75 g/m².
